



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO**  
**Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola**

**KASSIANNA OLIVEIRA LEFFA**

**AS DIFERENÇAS DE GÊNERO E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA  
ESCOLA: O VALOR DESSE TEMA EM SALAS DE AULA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**Florianópolis**

**2016**



**KASSIANNA OLIVEIRA LEFFA**

**AS DIFERENÇAS DE GÊNERO E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA  
ESCOLA: O VALOR DESSE TEMA EM SALAS DE AULA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**Florianópolis**

**2016**

**KASSIANNA OLIVEIRA LEFFA**

**AS DIFERENÇAS DE GÊNERO E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA  
ESCOLA: O VALOR DESSE TEMA EM SALAS DE AULA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, orientado pela professora Daiana Acordi. Apresentado como requisito final à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE)

**Florianópolis**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Leffa, Kassianna

As diferenças de gênero e a importância da família na escola: o valor desse tema em salas de aula do ensino fundamental / Kassianna Leffa ; orientadora, Daiana Acordi - Florianópolis, SC, 2016.

56 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Gênero e diversidade na escola. 3. Diversidade familiar. 4. Diferenças de gênero. 5. Relações de gênero. 6. Diversidade na educação. I. Acordi, Daiana. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

KASSIANNA OLIVEIRA LEFFA

AS DIFERENÇAS DE GÊNERO E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA  
ESCOLA: O VALOR DESSE TEMA EM SALAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 10 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

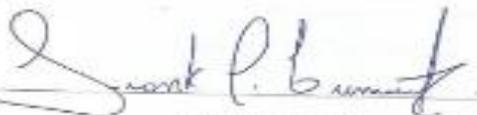


Olga Regina Zigelli Garcia

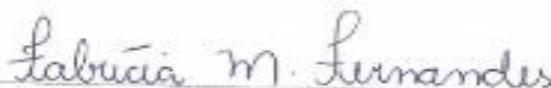
Banca Examinadora:



Dêja Andrade Torres



Frank Cardoso Lummertz



Fabícia Machado Fernandes

## *Dedicatória*

*Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou meu caminho durante esta caminhada.*

*Dedico este trabalho de conclusão da especialização aos meus pais, irmãos, namorado e familiares que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização deste trabalho.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que se mostrou criador. Seu fôlego de vida em mim foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro, um novo horizonte.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, pelo tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

A minha orientadora Daiana, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Pela calma e disponibilidade em tirar minhas dúvidas. Sem ela não teria conseguido.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Agradeço a minha mãe Marisete, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu pai Carlos que apesar de todas as dificuldades me fortalece, sempre foi um exemplo a ser seguido e que para mim foi muito importante.

Obrigada meus irmãos Carlos e Juliana, a minha amada afilhada (e sobrinha) Letícia, as minhas lindas sobrinhas Camila e Júlia, a minha cunhada Elisane, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

Ao meu namorado Joceli, pessoa com quem amo partilhar a vida. Com você tenho me sentido mais viva de verdade. Obrigada pelo carinho, ajuda e paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

Meus agradecimentos aos amigos, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina.

Agradeço, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo.

*"Precisamos dar um sentido humano às  
nossas construções. E, quando o amor ao  
dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando  
cegos, saibamos fazer pausas para olhar os  
lírios do campo e as aves do céu."*

*(Érico Veríssimo)*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve como um dos objetivos pesquisar a participação familiar na escola nas turmas de sexto ano do ensino fundamental. Outro objetivo é entender como as famílias diferenciam os gêneros na educação das crianças e, por fim, pesquisar os alunos quanto às desigualdades de gênero e sua satisfação em relação à escola, vista por dois ângulos: opiniões das meninas e dos meninos. A escola tem papel de formar cidadãos éticos e críticos e não pode, de forma alguma, rejeitar as questões relacionadas à cultura e a diversidade, por isso a importância de abordar o tema das desigualdades de gênero nas aulas, com intuito de propiciar um ambiente mais agradável, igualitário e que não haja nenhuma forma de discriminação ou preconceito. A desigualdade de gênero reflete no cotidiano da escola, sendo esta um ambiente de construção social com foco na formação de pessoas e opiniões, para o pleno desenvolvimento humano, para a emancipação e autonomia da criança.

**Palavras-chave:** Diversidade. Gênero. Escola. Desigualdade.

## ABSTRACT:

This conclusion of course work had as one of the objectives to research the family participation in the school in the classes of sixth year of elementary school. Another objective is to understand how families differentiate genders in the education of children and, finally, to research the students as to gender inequalities and their satisfaction with the school, seen from two angles: girls and boys opinions. The school has the role of forming ethical and critical citizens and cannot no way reject issues related to culture and diversity, so the importance of addressing the issue of gender inequalities in classes, in order to provide a more pleasant environment, that has no way of discrimination or prejudice. Gender inequality reflects in the daily life of the school, which is an environment of social construction focused on the formation of people and opinions, for the full human development, for the emancipation and autonomy of the child.

**Keywords:** Diversity. Genre. School. Inequality.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>12</b>
1.1	Tema e problema .....	13
1.2	Justificativa .....	14
1.3	Objetivos .....	15
1.4	Metodologia .....	16
<b>2</b>	<b>Referencial Teórico .....</b>	<b>17</b>
2.1	A origem da concepção de família .....	17
2.2	Transformações nas estruturas familiares .....	18
2.3	Importância da presença da família durante o período de formação do cidadão .	19
2.4	O papel da escola .....	21
2.5	Papel do professor .....	22
2.6	Importância da presença da família na vida escolar da criança .....	24
2.7	Gênero – Conceito e história .....	24
2.8	Diferenças de gênero na escola .....	25
2.9	Refletindo sobre as diferenças de gênero na sociedade em geral .....	27
<b>3</b>	<b>Resultados e discussão dos dados .....</b>	<b>29</b>
3.1	Cenário da pesquisa baseado no Projeto Político Pedagógico (PPP) .....	29
3.2	Questionário aplicado com os responsáveis pelos alunos .....	32
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>

## 1 Introdução

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) atende às exigências do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Diminuir o número de fracassos durante o período escolar ainda é um grande desafio, e está relacionado com a busca constante dos profissionais em educação em entender como a influência da família pode auxiliar no desenvolvimento escolar da criança. Entender a maneira como a família pode ou não ajudar nesse processo é importante para que o professor compreenda também as dificuldades enfrentadas pela criança e suas atitudes no cotidiano escolar.

Partindo do pressuposto que um núcleo familiar estruturado pode influenciar diretamente no processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento da criança, tanto no âmbito profissional, escolar ou pessoal, este estudo pretende indicar o quão importante é a família nesse processo, sendo que seu auxílio pode ser parte fundamental do processo de adaptação social e cultural.

Atualmente a família está sendo acionada pela escola com mais frequência, pois até pouco tempo era excluída do processo ensino/aprendizagem. Sabemos que a escola está passando por modificações, transformando-se em um ambiente que busca maior interação, entre os sujeitos que nela estão inseridos. Sendo assim, a escola não é mais uma instituição isolada, que não permite opiniões e sugestões, mas faz com que a família seja uma peça fundamental para o sucesso do aprimoramento de conhecimentos.

Escola e família buscam o mesmo objetivo, uma complementa a outra, sendo um lugar agradável para o convívio de ambos os indivíduos. O objetivo dessa relação entre escola e família é estabelecer acordos e compromissos para que o aluno tenha uma educação de qualidade em ambos os ambientes.

De acordo com Pereira (2008, p.29), “a relação entre a Escola e a Família tem vindo a ser alvo de todo um conjunto de atenções: através de notícias nos meios de comunicação, de discursos de políticos, da divulgação de projetos de investigação e de nova legislação”.

Seguindo na concepção desse autor:

O desenvolvimento da criança deve ser compreendido de forma holística e a compreensão das diferenças individuais no desenvolvimento saudável e patológico implica a consideração das transações que ocorrem ao longo do tempo entre indivíduo e contextos sociais e ecológicos. Segundo esta autora o contexto é constituído por diferentes níveis, uns mais próximos e outros mais distantes, que sofrem influências múltiplas entre si (PEREIRA, 2008, p.27).

Assim sendo, podemos afirmar que a educação é de extrema importância na vida de uma criança, sendo uma base de um futuro próspero, que lhe permita ter uma boa qualidade de vida e que haja pessoas de bem. A criança está sempre disposta a aprender, e o que ela aprende na infância dura pela vida inteira. Cabe à família orientar os caminhos percorridos em todas as etapas, visto que o desenvolvimento da criança sofre alterações constantemente.

A escola desempenha o papel de desenvolver competências e habilidades cognitivas, como também habilidades para aprender a viver em sociedade. A escola tem papel fundamental na formação da identidade do aluno e é essencial para o aprimoramento da capacidade de crítica e autonomia. A família deve participar efetivamente de todo esse processo, se dedicando a entender as realidades e ajudar sempre que puder.

Levando em consideração que a escola não pode se abster das questões culturais e da diversidade, podemos afirmar que observar essas questões oportuniza uma educação mais igualitária e justa para todos. A desigualdade de gênero reflete no cotidiano da escola, sendo esta um ambiente de construção social com foco na formação de pessoas e opiniões, para o pleno desenvolvimento humano, para a emancipação e autonomia da criança.

### **1.1 Tema e problema**

Crianças precisam de várias coisas como carinho, afeto, atenção, amor. Elas são transparentes e verdadeiras. Um simples gesto expõe seu sentimento. A famosa expressão: “As crianças são o futuro da nação”, é puramente realidade, elas fazem parte da sociedade e a escola é o lugar onde aprendem a ver o mundo com olhos críticos, para assim ter uma visão transformadora para com a sociedade futura.

Esse trabalho aborda como um dos temas a importância que a família tem no desenvolvimento escolar da criança. Sabemos que o contexto atual do planeta está cada vez mais propenso aos cotidianos acelerados, onde dificilmente sobra tempo. Porém a importância da família no cotidiano da criança dentro da escola é fundamental para o sucesso no aprendizado e para a constante evolução em vários aspectos que vão determinar a identidade da mesma.

Weber (2007) indica quatro tipos de interação entre pais e filhos:

O estilo autoritário, o estilo permissivo, o estilo negligente, e o estilo participativo. O estilo autoritário se caracteriza por pais altamente exigentes, impõem regras e limites rígidos e inflexíveis, com o objetivo de conseguirem obediência e controle. Os negligentes são aqueles que permitem tudo a seus filhos, mas não possuem papel de educadores, estabelecem poucos limites e oferece pouco afeto e com seus filhos desenvolvem baixo desempenho, e uma maior probabilidade de depressão, pessimismo, baixa auto-estima e estresse. Por fim, o estilo mais adequado que é o

participativo, que se caracteriza por pais com alto nível de exigência, porém, estão sempre acessíveis para conversas e trocas. Este estilo de pais impõe bastantes limites, contudo, compensam com muito afeto. (WEBER, 2007, p. 21).

Claro que a responsabilidade pelo êxito ou fracasso da criança durante sua formação escolar não é somente da família. A escola tem papel fundamental nesse processo, é nela que ocorre a interação das crianças, a formação do pensamento crítico, ou seja, ela possui o papel de estimular o aprendizado, pois todos nascem com enorme potencial para aprender. Esses estímulos não devem vir somente da escola, os professores e a família também devem participar em conjunto. Porém sabemos que muitas vezes a escola é considerada a única responsável pelo desenvolvimento da criança, a culpa recai toda sobre ela.

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam. (TIBA, 1996, p. 111)

Sendo assim, quanto melhor for a parceria família/escola, mais resultados positivos serão obtidos durante a formação desse sujeito. É importante que família e escola compartilhem dúvidas, experiências, angústias e sugestões para que possam trabalhar efetivamente sobre isso para que o êxito seja plenamente alcançado.

Outro tema abordado nesse trabalho é a questão das diferenças de gênero na sala de aula. Sabemos que as crianças chegam à escola com conhecimentos adquiridos na família, sabem a que gênero pertencem e, por consequência, podem adotar posturas preconceituosas com relação a esses temas. Tendo em vista que tudo sofre transformação, sabemos que a família não é diferente. As estruturas familiares têm mudado muito, sendo bem mais diversas. Então se destaca como problema para a realização deste trabalho a seguinte questão: O quão presentes as famílias estão no ambiente escolar? Como as famílias enxergam a diferença de gênero? De que forma as crianças vejam as desigualdades? (Sob olhar de meninas e meninos).

## **1.2 Justificativa**

Este trabalho justifica-se pelo fato de ser um tema bastante relevante para o contexto atual educacional. Existem muitas questões que esse tema nos faz refletir, como a forma como a escola inclui a família e de que forma ela pode ou não auxiliar no processo de aprendizagem.

Outro fator fundamental que justifica a escolha do tema é a relação existente entre a família diretamente com o professor, sendo que uma família presente na escola deixa o professor “a par” das dificuldades enfrentadas pela criança no seu cotidiano. Visto que as

crianças deixam transparecer seus sentimentos é através dessa relação que o professor pode dar atenção diferenciada e avaliar o aluno também de maneira diferente.

Dessen e Polônia explicam que:

É nela que se constitui as primeiras relações afetivas sociais e cognitivas, as quais são influenciadas pelas condições materiais históricas e culturais daquele grupo familiar, ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Dessen e Polônia (2007, p56)

A educação vem passando por diversas dificuldades como a baixa valorização do professor, falta de respeito entre alunos e com docentes e o desleixo de várias famílias que transferem à escola total responsabilidade sobre a evolução escolar da criança.

O valor da família está se perdendo devido a diversos fatores como a correria do dia a dia e a importância que as redes sociais têm tomado na vida das pessoas. Daí a importância de tentar resgatar valores que são fundamentais para a sustentação familiar e identificar a falta que ela pode fazer no contexto escolar. Como já foi afirmado anteriormente, educar é um papel de todos, mas quando a família está presente neste processo, os resultados adquiridos podem ser ainda mais significativos e positivos.

### 1.3 Objetivos

A realização deste trabalho tem como objetivos gerais pesquisar o quanto as famílias averiguadas estão envolvidas com o desenvolvimento escolar de seus filhos, assim como analisar a importância dessa presença no cotidiano escolar da criança e também entender a importância de um trabalho em conjunto entre professores, escola e família para o bom aperfeiçoamento do aluno. Além disso, tem como objetivo de conhecer a realidade da família quanto às diferenças de gênero na educação da criança. Outro objetivo é saber o quanto as crianças estão satisfeitas ou não com a escola e como enxergam a desigualdade de gênero.

Como objetivos específicos destacam-se:

- Conhecer o ambiente e realidade familiar;
- Identificar fatores comportamentais dos indivíduos pesquisados dentro de seu convívio familiar e social;
- Conhecer e quantificar a opinião dos educandos sobre a participação da família na escola;
- Calcular os dados separando os gêneros para analisar os resultados;
- Entrevistar os pais dos alunos sobre a sua atuação na escola;

- Obter dados sobre as diferenças de gênero na educação das crianças;
- Analisar a opinião dos pais e dos alunos sobre as diferenças de gênero e machismo.

#### **1.4 Metodologia**

Com a finalidade de obter resultados sobre o quanto as famílias participam da vida escolar das crianças e obter informações sobre como os pais consideram as diferenças de gênero, foi realizada a entrevista com os responsáveis dos alunos das turmas de sexto ano da Escola de Educação Básica Professora Maria Solange Lopes de Borba, localizada em São João do Sul, extremo sul catarinense.

A entrevista foi realizada utilizando questionário contendo nove perguntas fechadas com opções de resposta de múltipla escolha e uma pergunta aberta gerando espaço para opiniões/sugestões/críticas. Os questionários foram entregues a todas as 45 famílias e retornaram respondidos 31 entrevistas.

Com os alunos foi utilizado o mesmo método com a mesma quantidade de perguntas, sendo entregues 45 questionários e obtidos 32 respondidos.

O questionário foi realizado no mês de novembro, sendo que os alunos entregaram para os pais, que tiveram em média um dia para responder. Posteriormente, foi analisado os questionários para realização dos gráficos e análise de dados.

## 2 Referencial Teórico

### 2.1 A origem da concepção de família

Para iniciar vamos fazer uma breve explanação sobre a origem do conceito da palavra “família”. Segundo Danda Prado (1988) esse termo tem origem do latim “FAMULUS” que expressa conjunto de servos ou dependentes de um chefe, entre eles considera-se também a esposa e filhos.

O estudioso Orlando Gomes afirma que:

O grupo fechado de pessoas, composto dos genitores e filhos, e para limitados efeitos, outros parentes, unificados pela convivência e comunhão de afetos, em uma só e mesma economia, sob a mesma direção. (GOMES, 1998, p. 35)

Paulo Lôbo afirma que se deve considerar família em sua importância social e nas suas mais variadas formas e diferenças. Sendo assim, revela que:

Sob o ponto de vista do direito, a família é feita de duas estruturas associadas: os vínculos e os grupos. Há três sortes de vínculos, que podem coexistir ou existir separadamente: vínculos de sangue, vínculos de direito e vínculos de afetividade. A partir dos vínculos de família é que se compõem os diversos grupos que a integram: grupo conjugal, grupo parental (pais e filhos), grupos secundários (outros parentes e afins). (LÔBO, 2009, p. 2)

Antes mesmo de o homem agrupar-se conforme graus de parentesco já existiam grupos de pessoas que se agrupavam com pessoas mais velhas, seus ancestrais ou através de matrimônio. Todos tinham suas obrigações determinadas pelo patriarca, que era geralmente homem e esses grupos eram chamados de clãs. Mas com o crescimento de habitantes nesses grupos começaram a ser formadas algumas tribos compostas por grupos de descendentes. Assim surgiram as primeiras sociedades humanas.

Com o passar dos anos organizaram-se vários modelos de sociedades. No modelo patriarcal o pai tinha o poder sobre o filho e esposa. Em algumas culturas, as crianças eram consideradas mercadorias, objetos de exclusividade do pai que poderia vendê-las, torná-las escravas e decidiam sobre sua vida e morte também. (PRADO, 1988).

Nas culturas matriarcais a figura principal era a mulher. Elas tinham importância fundamental para a sobrevivência do grupo, pois era responsável pelo plantio, conservação de alimentos e eram detentoras do poder, transmitindo-lhes aos mais jovens.

De acordo com o dicionário de língua portuguesa Aurélio, família tem vários significados:

1 Conjunto de todos os parentes de uma pessoa, e, principalmente, dos que moram com ela. 2 Conjunto formado pelos pais e pelos filhos. 3 Conjunto formado por duas pessoas ligadas pelo casamento e pelos seus eventuais descendentes. 4 Conjunto de pessoas que têm um ancestral comum. 5 Conjunto de pessoas que vivem na mesma casa. 6 Raça, estirpe. 7 Conjunto de vocábulos que têm a mesma raiz ou o mesmo

radical. 8 Grupo de animais, de vegetais, de minerais que têm caracteres comuns. 9 Grupo de elementos químicos com propriedades semelhantes. 10 de família: familiar; íntimo; sem cerimônia. 11 família miúda: filhos pequenos. 12 sagrada família: representação de Jesus com a Virgem Maria e S. (DICIONÁRIO AURÉLIO ON LINE).

Podemos entender que as famílias se modificam com o passar do tempo, apresentam conflitos e se alteram de uma geração para outra, mas o papel fundamental é o bem estar de seus integrantes, o equilíbrio das relações e o desenvolvimento da afetividade.

## 2.2 Transformações nas estruturas familiares

Como vimos no subitem anterior, as famílias se constituem de maneiras diferentes desde os primórdios, sendo que a cultura e sociedade do lugar onde estão inseridas são fatores determinantes para tais mudanças. Sabemos que a formação familiar mais comum e considerada “normal” é constituída por pai, mãe e filhos. Esta formação é classificada como “nuclear” e dentro dela podemos perceber que existe o modelo patriarcal, onde o pai tem a função de maior importância e o regime matriarcal em que as funções principais são responsabilidade da mãe.

A sociedade atual sofre grandes transformações em áreas como economia, cultura, política e social, afetando também a vida pessoal do ser humano e, conseqüentemente, a família também acompanha essas variações. Nessa perspectiva Nayara Oliveira assegura que:

Existem diversificados e inovados arranjos familiares, novas formas de constituir-se família dentro da sociedade, mas percebemos que permanece ainda a forma de organização nuclear da família, ou seja, o casamento monogâmico ainda é o que predomina atualmente. (OLIVEIRA, 2009, p. 66)

A opressão feminina ainda está presente dentro das famílias, muitas vezes essas opressões são diversas e camufladas. Sobre essa visão, a autora acima citada afirma que onde existem essas divisões de classes num lar, significa que pode ser encontradas relações de poder que podem ser expressas até mesmo pelo silêncio de um olhar. (2009, p. 66)

Os laços familiares passaram por alterações desde a segunda metade do século XX e início do século XXI, e o individualismo é apontado como fator principal de tais mudanças, pois muda totalmente as relações familiares. Sobre a individualidade das pessoas atualmente, a autora diz:

Na sociedade contemporânea, a conjugalidade, muitas vezes, não é verdadeira. O que encontramos é a busca pela estabilidade financeira, a satisfação pessoal e a realização de um sonho: casar-se, o que acaba conduzindo a um casamento no qual os projetos individuais são esquecidos, em que um se anula em relação ao outro. A dificuldade está em compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiares, pois, ao abrir espaço para tal individualidade, renovam-se as concepções das relações familiares. O impacto desses desafios influencia o cotidiano dessas relações. (OLIVEIRA, 2009, p. 67)

A partir daí os dados sobre divórcios só aumentam e geram novos conceitos sobre os direitos dos pais para com seus filhos, tornando ainda mais diversificadas as formações familiares atuais. Nesse sentido:

Encontramos casais que após o divórcio do primeiro casamento, se desmembram em novas famílias, ou seja, quando um casal que se divorcia tem filhos, e os pais com o passar do tempo formam novas famílias com pessoas, também divorciadas e com filhos e destas novas uniões nascem mais filhos. Então temos os filhos do primeiro casamento, que passarão a conviver com os filhos do novo companheiro ou companheira do pai ou mãe e também os novos filhos que virão destas novas uniões. (PANZA, 2011, p. 20).

Devemos levar em consideração que as novas formações familiares têm como objetivos propiciar um ambiente de amor, paz, carinho e afeto e que beneficie o desenvolvimento da criança. Sendo assim, a formação familiar tradicional não tem mais tanta obrigatoriedade, “desde que a criança saiba qual o lugar dela dentro desse novo núcleo familiar e sinta – se segura para solicitar o que precisa e o mais importante, tenha a sua individualidade respeitada” (PIRES, 2009, p.12)

A Constituição Federativa do Brasil também se refere à família. Afirma que é importante entender que existem famílias formadas por homossexuais, e essas tem seus direitos garantidos também e são reconhecidas como instituição familiar.

De acordo com a Constituição Federal:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração e opressão. (BRASIL, 1988, p.148).

Então uma boa estrutura familiar influenciará na formação do cidadão, sendo que a presença da família é de extrema importância nesse processo, e as características sociais, éticas, morais e cívicas dos cidadãos da sociedade são determinadas pelo meio ambiente que é configurado. (KNOBEL, 1996, p. 19).

### **2.3 Importância da presença da família durante o período de formação do cidadão**

Sabemos que as crianças têm direitos a vários cuidados primordiais para sua sobrevivência, como alimentação, higiene, vacinação adequada, proteção, afeto e amor. Para que esses fatores fossem realmente preservados na sociedade brasileira, foram criadas normas para sua efetivação. Sobre o dever da família para com as crianças e adolescentes, a Constituição Federal assegura em seu artigo 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 2012, 35ªed., p. 128).

Leis existem, mas não é raro encontrarmos reportagens de violências contra crianças, abuso sexual e moral, trabalho forçado e, muitas vezes quem pratica essas atrocidades são os próprios responsáveis por elas. Esses casos de violência acontecem todos os dias, em todos os lugares e em todas as classes sociais.

Levando em consideração que a infância é um momento único e muito importante no desenvolvimento do indivíduo e a forma como ela acontece está ligada com a formação do caráter da criança. Por isso os pais devem estar cientes de sua importância nessa etapa e do quão complexo é este momento.

Outro fator determinante nesse período de formação da personalidade é o fato de que as crianças, em determinada fase, imitam as atitudes dos pais, pois são considerados seus exemplos, ou seja, exemplos bons serão reproduzidos assim como os maus exemplos que são dados. Como já foi dito anteriormente, as crianças aprendem com muita facilidade e tem predisposição para aprender a todo momento, criando um mundo de experiências, e os pais devem estar atentos aos menores detalhes que possam haver, para evitar que isso se transforme em algum tipo de transtorno de comportamento.

Nesse sentido:

Isso não quer dizer que pais, professores e demais profissionais que atuam com populações infantis e juvenis devem atender todas as vontades das crianças, a qualquer custo, com medo de causar algum trauma ou problema futuro. Lembrando que antigamente, os nossos avós e até os nossos pais, acreditavam que criança não tinha que querer, bastava um olhar e éramos reprimidos não havendo a possibilidade de questionar algo. Com as mudanças que ocorreram nas relações humanas e na educação, no século XX, os pais foram aprendendo a respeitar as crianças. (PANZA, 2011, p. 24)

Atualmente essa relação de autoritarismo mudou e a criança tem mais voz e desejos, tornando-se uma participação mais democrática. Sendo assim, percebemos que o diálogo é importante para que as crianças aprendam com os adultos com quem convivem.

Alguns pais podem falar que não tem tempo para dedicarem-se aos filhos, a internet e o acesso as mais variadas mídias também dificultam a interação entre pais e filhos. Segundo Picanço (2012) “As razões são conhecidas: falta de tempo, baixas expectativas educacionais, afastamento cultural e pobreza.” Percebemos que os pais, muitas vezes invertem papeis. Sendo assim:

Desocupando seu lugar, os adultos ora tratam a criança como companheira em situações nas quais ela não tem a menor condição de sê-lo, ora não assumem o papel de adultos em situações nas quais as crianças precisam aprender condutas, práticas e

valores que só irão adquirir se forem iniciadas pelo adulto. As crianças são negligenciadas e vão ficando também perdidas e confusas. Muitos adultos parecem indiferentes e não mais as iniciam. A indiferença ocupa o lugar das diferenças. (KRAMER, 2000, p. 19).

Kramer (2000) afirma que a autoridade não pode ter fim por parte de pais e professores e que isso é um dos problemas mais graves da atualidade nesse contexto. Falar em autoridade sem confundir com autoritarismo é importante, pois é fundamental que haja diálogo entre pais e filhos, estabelecendo uma relação de solidariedade e respeito acima de tudo. Nesse sentido:

Por outro lado, o reconhecimento do papel social da criança tem levado muitos adultos a abdicarem de assumir seu papel. Parecem usar a concepção de “infância como sujeito” como desculpa para não estabelecerem regras, não expressarem seu ponto de vista, não se posicionarem. O lugar do adulto fica desocupado, como se para a criança ocupar um lugar, o adulto precisasse desocupar o seu, o que revela uma distorção profunda do sentido da autoridade (KRAMER, 2000).

Outro grande problema são os pais que agem de forma confusa, que ora permitem e dão liberdade para a criança fazer de tudo, e ora regulam e negam todas as ações delas. Portanto, deve haver sabedoria e equilíbrio nessa fase tão importante e decisiva da vida da criança, pois é a partir desse momento que começa a ser formado o seu caráter e demonstrando através de suas atitudes. Nesse sentido:

A questão da sociabilidade tornou-se tão frágil que os adultos – professores, pais – não vêem as possibilidades da criança e ora controlam, regulam, conduzem, ora sequer intervêm, têm medo de crianças e jovens, medo de estabelecer regras, de fazer acordos, de lidar com as crianças no diálogo e na autoridade. O equilíbrio e o diálogo se perdem e esses adultos, ao abrirem mão da sua autoria (de pais ou professores), ao cederem seu lugar, só têm, como alternativa, o confronto ou o descaso. (KRAMER, 2000).

## 2.4 O papel da escola

A realidade familiar é o primeiro contato do indivíduo com a socialização, onde aprenderá regras, valores e conhecimentos que darão rumo em sua vida. No entanto, a escola também faz parte desse trabalho, é função dela educar o ser humano na medida em que os professores vão desenvolvendo essa tarefa.

A função da escola tem sido modificada com o passar do tempo, mas sempre acompanhando as mudanças da sociedade. Essas mudanças foram muito expressivas para o ingresso da população ao ensino público no Brasil.

Segundo Silva e Araújo:

O papel da escola na transmissão de conhecimentos está relacionada ao processo sistemático, que visa apenas a transmissão de determinadas ciências, técnicas e conteúdos, sendo assim uma educação formal no processo de desenvolvimento do indivíduo. Ao mesmo tempo em que a escola tem por função a socialização entre seus participantes. (SILVA E ARAÚJO, 2014, p. 20).

Sobre a função da escola, Heidrich (2009, p. 25) afirma que “a escola foi criada para servir à sociedade. Por isso, ela tem a obrigação de prestar conta de seu trabalho, explicar o que faz e como conduz a aprendizagem das crianças e criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos”, porém esse dever não é somente da escola. A sociedade num geral também participa dessa etapa, pois influencia no desenvolvimento através da cultura, de fatores históricos e sociais.

Na escola há maior interação da criança com outras crianças, sendo o lugar de maior socialização dela, é um lugar novo, com funcionamento diferente e regras novas, que possibilita novas experiências, novas vivências com pessoas diferentes, além dos conceitos necessários para transformação no seu desenvolvimento.

É fundamental reconhecer o valor da escola no processo de formação de cidadãos, pois desde a educação infantil é trabalhado em cima da formação crítica. Sabemos que atualmente as crianças passam cada vez mais tempo na escola e isso, muitas vezes, é motivo para os pais transferirem total responsabilidade da educação à escola. Educar não é uma tarefa fácil quando escola e família trabalham em conjunto, se uma “jogar” a culpa para a outra, a tarefa se torna ainda mais difícil.

Escola e família devem estar cientes que:

(...) que ambas as instituições tem em comum é o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão”. (SZYMANSKI, 2009, p. 98).

Então, a escola opta por agir dessa forma, ou seja, consegue propor situações para a participação das famílias na escola, sendo que trazê-las é uma forma de criar compromisso e responsabilidade nessa relação.

## **2.5 Papel do professor**

A escola analisada na pesquisa é um ambiente muito diverso e amplo. Sendo que a comunidade escolar é formada por vários integrantes e, cada um é fundamental em sua função. A equipe de gestores tem como principal dever manter a organização da escola envolvendo a comunidade como um todo. Professores e alunos são fundamentais para a efetiva construção de projetos escolares.

Hoje o papel do professor mudou muito. Há alguns anos tinha como função somente transmitir seus conhecimentos e avaliar a aprendizagem dos alunos, hoje assume os mais variados papéis na vida do aluno, como por exemplo, de amigo e psicólogo.

Sobre a participação do professor na vida do aluno, Paulo Freire afirma que:

“O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”. (FREIRE, 1996, p. 96).

Sendo assim, se o professor buscar identificar as necessidades quanto ao desenvolvimento físico, emocional, social e cultural de seu aluno, assim como tentar conhecer a realidade dele e sua família, terá como compreender melhor certos fatos ou atitudes diferenciadas que podem influenciar na aprendizagem da criança.

Para Paulo Freire, “o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a encontrarem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria” (2003, p. 52).

A ação educacional requer uma boa relação entre professor e aluno que deve ter como ponto principal a busca incessante pelo conhecimento. Freire afirma que:

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. (2007, p. 86)

Freire (2003) afirma que função do professor é auxiliar os educandos a encontrarem momentos de prazer diante das dificuldades. Nesse tipo de relação o diálogo tem muita importância, pois em momentos difíceis podem nascer oportunidades para o pleno crescimento de ambos. Para Monteiro (2002), atividades pedagógicas diferenciadas das tradicionais são imprescindíveis para a construção de um ambiente crítico quanto ao conhecimento dos alunos.

Percebemos então que a função do professor é mediar o conhecimento, fazendo com que o aluno se interesse pela escola, tendo vontade de estudar. Nesse pensamento a ênfase está sobre a aprendizagem dos alunos e não mais nas provas e ensino mecânico, contextualizando os conceitos, fazendo uma relação entre teoria e prática.

Gomes (2009) afirma que deve haver autoridade no processo de educar, segundo ele:

A educação escolar não é possível sem a definição e a imposição de um conjunto de regras que devem ser respeitadas. É preciso que os alunos adquiram certos valores, certas crenças, certos hábitos, certas atitudes. Cumprindo um mandato social, o professor deve atuar no sentido de os levar a respeitar certas regras. Na prática, este objetivo pressupõe e exige que o professor tenha autoridade. (GOMES, 2009, p. 239)

Quanto ao relacionamento com os alunos, o ideal seria manter uma ligação de amizade, de igualdade e baseada no diálogo, apreciar seus saberes e valorizar seu conhecimento prévio, fazendo com que o aluno sinta-se importante no processo de ensino/aprendizagem, promovendo assim seu pleno desenvolvimento.

## **2.6 Importância da presença da família na vida escolar da criança**

Existem etapas fundamentais para o êxito ou fracasso durante a vida da criança, como a educação, tanto familiar, como escolar. A educação familiar é de extrema importância da formação de cidadãos éticos e críticos.

Família e escola tendem a desempenhar função primordial, pois desenvolvem na criança o interesse, a socialização e afeto com outros indivíduos. O convívio em sociedade exige uma preparação prévia, já que existem fatores determinantes nesse processo, como a realidade social e cultural em que o sujeito está inserido. A presença da família pode auxiliar nesse processo, principalmente se realizar uma ação em conjunto com a instituição de ensino. Sobre a afirmação de que é preciso entender a realidade social da família, Libâneo cita que:

A educação é o conjunto de ações, processos, Influências, estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupo na relação ativa com o ambiente natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. (LIBÂNEO, 2000, p. 22).

Nem todas as famílias aceitam o fato de que a escola é importante na vida de seus filhos, não valorizam os conhecimentos lá adquiridos e não se fazem presentes na instituição.

Nesse contexto:

Existem pais que apresentam uma postura negativa a respeito da escola, podendo desestimular seus filhos no que refere a importância da escolarização para a sua vida. Outros têm uma grande insatisfação por não terem tido oportunidade de concluir seus estudos e busca superar este fracasso, transmitindo a responsabilidade aos seus filhos através de conselhos em relação aos estudos, que na maioria das vezes nem sempre são acatados. Podendo apresentar comportamentos contrario e desistem de estudar. (SANTOS, p. 8)

Levando esse fato em consideração, é preciso que a escola promova ações que sejam capazes de superar esses desafios para que se obtenha o bom desenvolvimento da criança.

## **2.7 Gênero – Conceito e história**

O termo gênero se faz cada vez mais presente em discussões gerais, em cursos universitários, movimentos sociais, políticas públicas e em diversos campos da sociedade. Joan Scott (1990) conceitua gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais

fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Essa categoria vem sendo debatida há tempo e de acordo com a história, ela reflete a forma como são classificados os trabalhos na sociedade entre homens e mulheres, as divisões na educação, saúde e religião, por exemplo.

Geralmente quando vimos o termo “gênero” nos lembramos dos movimentos feministas e sua trajetória, que são divididos em ondas, sendo que a primeira iniciou no final do século XX e início do século XXI, e lutavam por mais direitos políticos, como votar e ser eleita, direitos trabalhistas, como trabalho remunerado, e direito à educação.

O primeiro país em que as mulheres conquistaram o direito ao voto foi na URSS em 1917, seguido da Alemanha em 1918, EUA em 1919, Inglaterra em 1928 e, só então no Brasil, em 1932, e posteriormente Suíça em 1973.

O movimento social das mulheres foi caracterizado por muita luta e sofrimento.

A filósofa francesa nascida em Paris, no ano de 1908, não era considerada um “exemplo” de mulher comportada para a época, negou-se a casar-se, a ter filhos, e a ser dona de casa. Dedicou sua vida à filosofia. Em 1949 escreveu o livro *O Segundo Sexo* que foi muito importante para as reflexões sobre as diferenças entre homens e mulheres na sociedade, que tinha (e ainda tem) o hábito de inferiorizar as mulheres. Simone criou a seguinte frase: “É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.”

No Brasil a segunda mulher a ser contratada para um cargo pública foi Bertha Lutz, que iniciou a campanha pela emancipação da mulher em 1918, formando juntamente com Maria Lacerda de Moura, a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher. Como já foi dito anteriormente, somente em 1932 tiveram o direito de votar, assim como de serem alfabetizadas. Aos poucos elas foram conquistando cada vez mais seu espaço em universidades, empresas, serviços públicos, tornaram-se eleitoras e também candidatas. Portanto, podemos perceber que muitos direitos já foram adquiridos através de muita luta, mas ainda existe uma defasagem enorme em relação a essas diferenças de gênero, deixando claro que é importante sempre tocar nesse assunto, defender idéias e lutar por direitos mais igualitários.

## **2.8 Diferenças de gênero na escola**

A escola, nas últimas décadas, vem passando por diversos avanços e mudanças em relação às diferenças, como de gênero, raça, etnia, crenças, entre outras, porém ainda não

está conseguindo acompanhar todas as informações que ocorrem na atual sociedade. Um dos maiores problemas que os professores enfrentam atualmente é a desmotivação dos alunos com relação aos estudos, diversas vezes os profissionais da educação não sabem como lidar com essa problemática. Muitas vezes, mesmo sem querer, a escola continua reproduzindo estereótipos ultrapassados que não estão mais de acordo com a sociedade contemporânea.

Sendo assim, sabemos o risco que a escola assume ao ignorar a abordagem de temas relacionados à diversidade, preconceito racial, às questões de gênero, orientação sexual e sexualidade. Nesse contexto para Moreira e Candau (2003, p. 161):

A escola sempre teve dificuldades e lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamado a enfrentar (MOREIRA;CANDAU, 2003, p. 161).

Debater sobre essas temáticas no ambiente escolar sugere várias construções e desconstruções de pensamentos, concepções e conceitos já estabelecidos social e culturalmente. Para que possam existir esses diálogos é necessário que o mediador da discussão tenha bastante embasamento e argumentação e, conseqüentemente, é imprescindível que exista capacitação profissional para os professores, possibilitando assim, maiores e mais eficazes reflexões sobre temas como racismo, a igualdade de gênero e sexualidade.

Visto que a escola é onde são formados cidadãos críticos e éticos, a escola tem o dever de possibilitar e realizar reflexões sobre discriminações de gênero, raça, etnia, religião, homofobia, entre outros.

Nessa perspectiva Grossi, Garcia e Magrini (2015) afirmam que:

O estudo de gênero no contexto escolar propicia o entendimento e desenvolvimento da equidade de sexo, a reflexão no entendimento e no debate sobre essa temática e possibilita um espaço igualitário para ambos os sexos, não deixando de valorizar características próprias de cada um. A escola não pode deixar para reconhecer a diversidade apenas em datas comemorativas. Há necessidade de que isso seja feito em todos os momentos de suas atividades diárias, através dos relacionamentos entre professoras/ES, estudantes e funcionárias/os, desenvolvendo uma aprendizagem do convívio e do apreço à diversidade.

De acordo com o documento Indagações sobre currículo - Diversidade e Currículo:

Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. Sendo assim, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser

percebidos dessa forma, porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomeamos e identificamos. (BRASIL, 2007)

Portanto, a escola deve ter como principal objetivo trazer reflexões acerca dessas temáticas dentro de sala de aula, como promover a igualdade, o respeito e a valorização da diversidade, da identidade de gênero e orientação sexual, com objetivo de modificar práticas de ensino tradicionais que geram exclusão a fim de desconstruir preconceitos.

## 2.9 Refletindo sobre as diferenças de gênero na sociedade em geral

A desigualdade de gêneros na sociedade brasileira é um fator histórico, pois desde a antiguidade as mulheres eram tratadas de forma inferior aos homens, consideradas inclusive, mercadorias e propriedades de seus maridos.

Hoje sabemos que as mulheres obtiveram inúmeras conquistas a partir de muita luta, mas ainda falta muito para existir realmente a tão comentada igualdade entre gêneros.

No mercado de trabalho as diferenças ainda são gritantes. Segundo o relatório *Progresso das Mulheres no Mundo 2015-2016: Transformar as economias para realizar os direitos*, organizado pela ONU, apresenta que os salários das mulheres são, em média, 24% mais baixos que os dos homens considerando os mesmos tipos de trabalhos. O mesmo estudo afirma que 77% dos homens com idade para trabalhar estão em situação ativa, sendo que com as mulheres esse índice é de 50% apenas.

As mulheres são encarregadas por uma carga de trabalho enorme, muitas fazem jornada tripla, quando chegam do trabalho tem a casa ainda para limpar e filhos para cuidar.

Existe uma teoria que tenta explicar essa diferença:

A teoria da discriminação estatística é um tipo de teoria da segmentação do trabalho que oferece uma explicação plausível para a segmentação dos mercados de trabalho de acordo com o sexo dos trabalhadores. Segundo esta teoria, os empregadores podem ser racionais ao discriminar certos grupos de trabalhadores facilmente reconhecíveis (por exemplo, mulheres, minorias étnicas, pessoas portadoras de deficiências) quando estes grupos são menos produtivos e/ou mais custosos em média (por exemplo, na média, os homens são fisicamente mais fortes que as mulheres) e esta diferença média é menor que os custos de busca e informação necessários para identificar e decidir que indivíduos em particular contratar e/ou promover. Isto é conhecido como discriminação estatística, porque um grupo (por exemplo, as mulheres) é discriminado com base em uma pequena diferença estatística média com relação a outro grupo (os homens). O grupo todo (as mulheres neste caso) é discriminado, ainda que muitos de seus membros individuais possam ser mais produtivos (isto é, fisicamente mais fortes) que muitos membros individuais do outro grupo (no caso, homens). (DEGRAFF; ANKER, 2016)

As diferenças são tantas e até no esporte elas existem. Barros (2012) afirma que “o ser humano, independente do sexo, possui sete capacidades físicas: força, resistência, flexibilidade, coordenação motora, agilidade, equilíbrio e velocidade”. Geralmente os homens

são mais altos, fortes, tem maior índice de massa muscular. Esses são relacionados às questões hormonais, por isso o sexo masculino teria vantagem.

A adaptação do espaço físico das modalidades esportivas é outra discussão antiga e cada federação esportiva parece ter uma opinião diferente. A necessidade de se adaptar o espaço físico é uma questão individual de cada esporte e deve ser avaliada com bastante cuidado para que possíveis alterações não descaracterizem a atividade e, ao mesmo tempo, tornem a prática mais competitiva para as mulheres. (BARROS, 2012).

## **3 Resultados e discussão dos dados**

### **3.1 Cenário da pesquisa baseado no Projeto Político Pedagógico (PPP)**

A Escola de Educação Básica Professora Maria Solange Lopes de Borba, está localizada à Rua Jaime Grundler, n.º468, Centro, São João do Sul – S/C. Mantida pelo Estado de Santa Catarina e administrada pela Secretaria de Estado da Educação, norteará todo o seu trabalho por este Projeto Político Pedagógico, nos termos da legislação em vigor.

#### Histórico

A Escola de Educação Básica Professora Maria Solange Lopes de Borba, antes chamada de Escola de Educação Básica Ângelo Scarpa, já tem uma longa história. Foi instalada em 09 de abril de 1952 como Grupo Escolar, começou a funcionar com 74 alunos, tendo como primeira Diretora a Senhora Santilina Maria Felicidade Paladine.

Em dezembro de 2010, através do Projeto de Lei N° 15362/10, a E.E.B. Ângelo Scarpa passa a se chamar E.E.B. Professora Maria Solange Lopes Borba, em homenagem a professora que faleceu no ano de 2009. A professora sempre foi muito dedicada, por isso a comunidade escolar quis prestar uma homenagem colocando o seu nome na escola.

#### Metas

Diante das constantes mudanças que vemos no nosso dia-a-dia, sentimo-nos responsáveis por inserir nossos alunos nesse contexto. Partindo desse pressuposto, propomos a nos contextualizar nossa escola com a comunidade local e global.

Assim, durante o ano, serão desenvolvidas várias atividades ligadas ao desenvolvimento do ser humano no aspecto físico, mental, intelectual e emocional.

Alguns projetos serão desenvolvidos em sala de aula e fora dela enquanto outras atividades serão também oportunizadas aos pais e comunidade.

#### Perfil Sócio Econômico dos Alunos

Por ser localizada em região de interior, 80% dos alunos necessitam do transporte escolar para terem acesso à escola. Isso porque a maioria deles são filhos de agricultores e residentes na zona rural do município, que tem uma grande extensão territorial rural.

A grande maioria dos alunos é oriunda de famílias com pouco poder econômico, análise esta realizada através do questionário socioeconômico aplicado com as famílias dos alunos, onde mostra que:

- De acordo com o censo 2015 possui 479 alunos, 221 matriculados no Ensino Fundamental, 237 no Médio Regular e 31 no Ensino Médio Integrado, num total de 372 famílias.
- Possui 16 professores efetivos e 29 professores Admitidos em Caráter Temporário.
- A equipe diretiva é formada pelo Diretor e dois Assessores de Direção.
- Conta com um Orientador Educacional, quatro Assistentes Técnicos Pedagógicos, um Assistente de Educação e um Analista Técnico em Gestão Educacional.
- Ainda possui cinco funcionários para a limpeza e alimentação.

#### Níveis e Modalidades de Ensino

A Escola oferece o Ensino Fundamental das Séries Finais, Ensino Médio Regular e Ensino Médio Integrado, tendo por finalidade desenvolver no educando, a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecendo-lhe os meios e condições intelectuais para progredir no trabalho e em estudos posteriores, bem como para poder optar pelo engajamento nos movimentos sociais ou demandas da sociedade.

As Séries Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da escola foram municipalizadas no ano de 2012.

#### Realidade social

A localização da escola é frágil, pois fica em frente a um terreno baldio e ao lado de um Mercado. Aos fundos fica o Parque de Exposições Municipal, local onde são realizados vários eventos do município. As ruas têm pouca iluminação neste local e vira foco para encontros de alunos, vendas de drogas, uso de bebidas alcoólicas, entre outros, sem vigilância.

O IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da escola vem apresentando nos últimos anos, índices um pouco abaixo das metas projetadas nas Séries Finais do Ensino Fundamental. Em 2011, a meta projetada era de 4,2 e o Ideb observado foi de 4,0, houve uma queda, ficando assim abaixo da meta. Em 2013, o Ideb da Escola nas Séries Finais do Ensino Fundamental foi de 4,3 permanecendo abaixo da meta projetada para o ano, que era de 4,6.

Porém o IDEB do ano de 2015 estava com a meta projetada para 5,00 e elevamos o índice para 5,3 uma grande conquista.

### Concepções:

“Educação: O processo educacional deve contemplar um tipo de ensino e aprendizagem que ultrapasse a mera reprodução de saberes “cristalizados” e desemboque em um processo de produção e de apropriação de conhecimento, possibilitando, assim, que o cidadão torne-se crítico e que exerça a sua cidadania, refletindo sobre as questões sociais e buscando alternativas de superação da realidade.

Escola: precisa ter uma relação de parceria, união, comprometimento, integração e participação ativa de todos os envolvidos com troca de ideias e saberes. Ela precisa dividir suas teorias e estar aberta a novas propostas

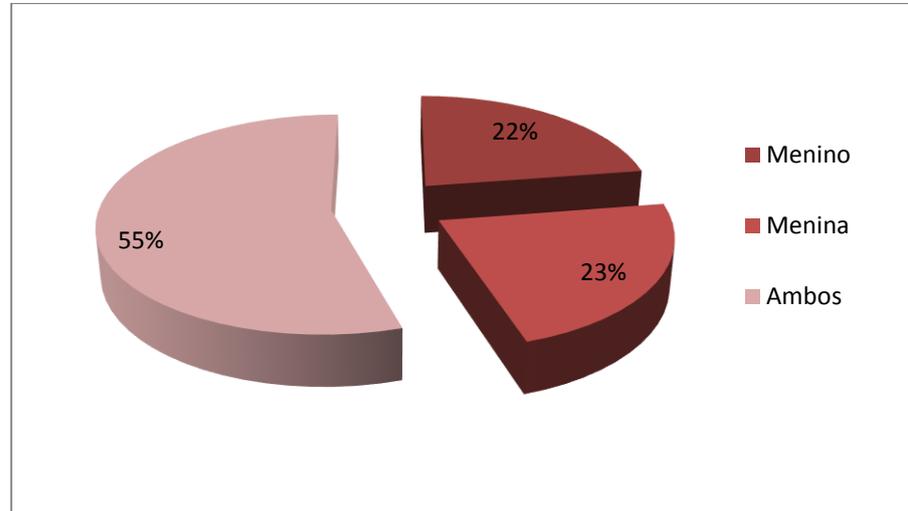
Como espaço de ações pedagógicas, a escola permite ao professor tematizar e refletir sobre sua prática, valorizando o saber que produz no cotidiano. Portanto no processo ensino-aprendizagem, o professor deve refletir sobre sua prática, orientado pelo conhecimento científico-pedagógico, com a intenção de reformular com mais segurança sua atuação docente.

Baseada neste conceito e atendendo o art. 61 da Lei 9.394/96 (LDB) vimos à necessidade da formação continuada e permanente dos educadores, já que o mundo está em constante mudança, com alterações que precisam ser compreendidas e compartilhadas por todos os envolvidos nesse processo

A escola oferece treinamento para seus profissionais através de capacitações periódicas, organizadas pela própria Unidade Escolar e pela Secretaria de Estado da Educação nas diversas áreas, assim como também se realiza na semana de planejamento, em dias de estudos, reuniões pedagógicas e participações em palestras e outros eventos na comunidade.

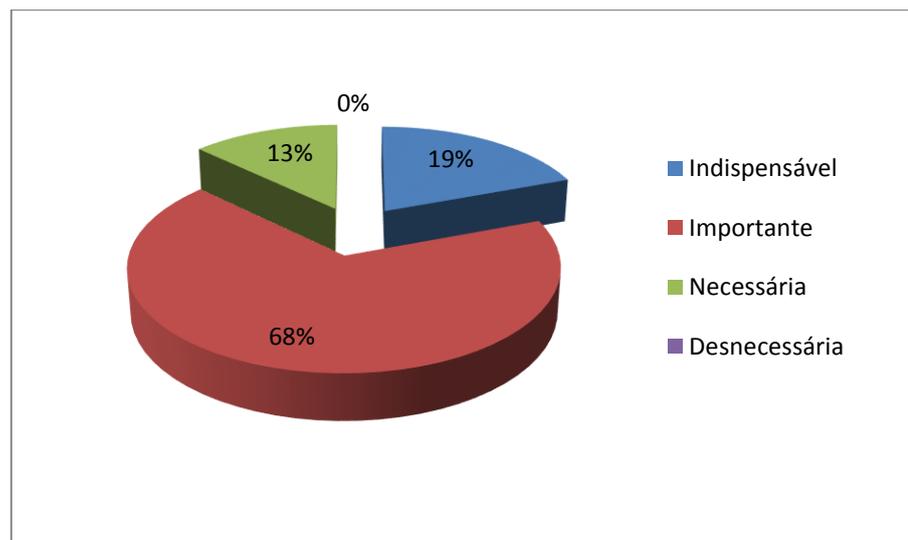
### 3.2 Questionário aplicado com os responsáveis pelos alunos.

#### 1) O pesquisado é responsável por:



Esta pergunta teve como objetivo iniciar o conhecimento sobre a formação familiar, perguntando se os responsáveis cuidavam de menino, menina ou ambos. Dos respondidos, 22% são responsáveis por apenas meninos, 23% somente por meninas e 55% são responsáveis por ambos.

#### 2) Sobre a importância da família no desenvolvimento escolar da criança:



Com o objetivo de saber a opinião dos pais sobre a importância da família na escola, foi realizada esta pergunta, onde 68% responderam que é importante, 19% afirmaram

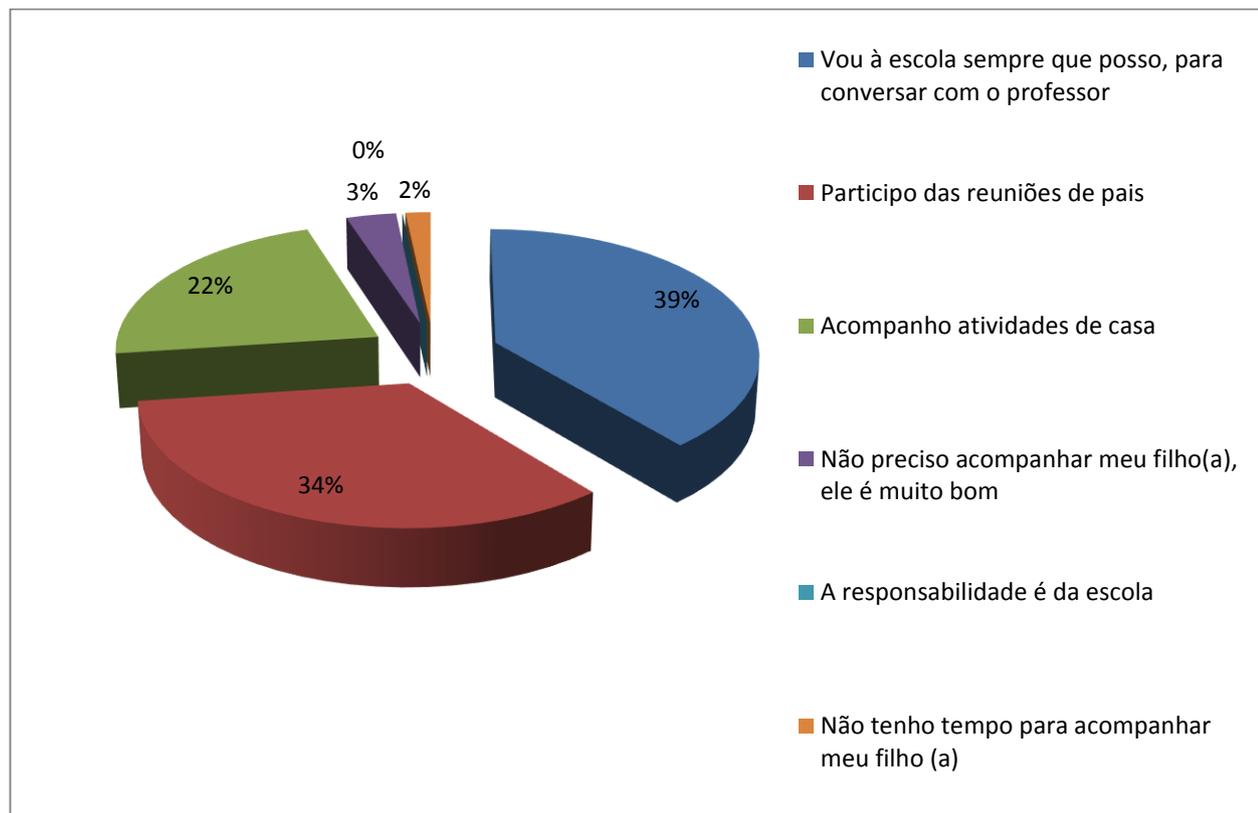
que é indispensável, 13% alegaram que é necessária, sendo que nenhum pesquisado considera desnecessária a presença da família no desenvolvimento escolar da criança.

De acordo com Sampaio:

Quando os pais são permissivos, as crianças tendem a ser anti-sociais e apresentar desenvolvimento atrasado. Por último quando os pais são participativos, os filhos são crianças com boa auto-estima, sabem respeitar os outros e se sentem amados e valorizados. Desta forma, entende-se que a participação dos pais no contexto escolar influencia na construção do comportamento da criança, facilitando a resolução dos conflitos gerados pelos impulsos dos jovens em direção ao prazer imediato. (SAMPAIO, 2012).

Podemos perceber a partir desse gráfico que, independentemente de serem responsáveis por meninos ou meninas, os entrevistados consideram que é importante que a família participe da vida escolar da criança, visando seu crescimento.

**3) Nesta pergunta os responsáveis responderam como acompanham o desenvolvimento escolar de seus filhos, podendo optar por mais de uma das alternativas.**



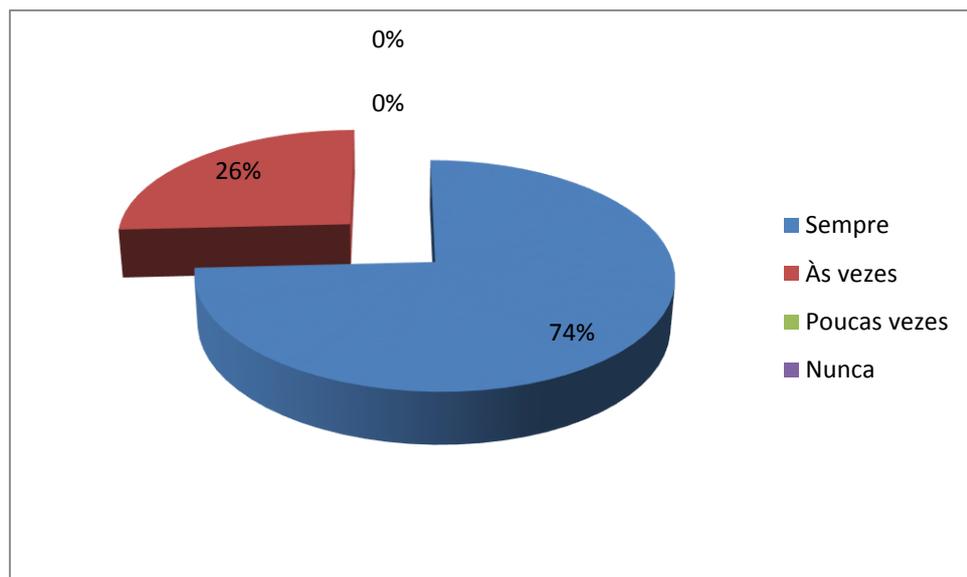
O gráfico mostra que 39% dos responsáveis entrevistados vão à escola sempre que podem, para conversar com os professores, 34% participam das reuniões de pais, 22% acompanham as atividades de casa, 3% afirmaram que não precisam acompanhar os filhos porque são bons o bastante, 2% asseguraram que não tem tempo para acompanhar os filhos na escola, e nenhum entrevistado respondeu que a responsabilidade é totalmente da escola.

Como afirma Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (2007, p.50)

Seguindo essa linha de pensamento, os entrevistados mostram-se, em grande maioria, envolvidos com o desenvolvimento escolar das crianças, disponibilizando tempo para acompanhar as atividades e dispostos a conversar periodicamente com professores, além de terem participação ativa em reuniões escolares. Sendo assim, através do resultado do gráfico a presença da família interfere na vida escolar das crianças.

**4) Você considera que a participação familiar na escola pode melhorar o aprendizado da criança?**



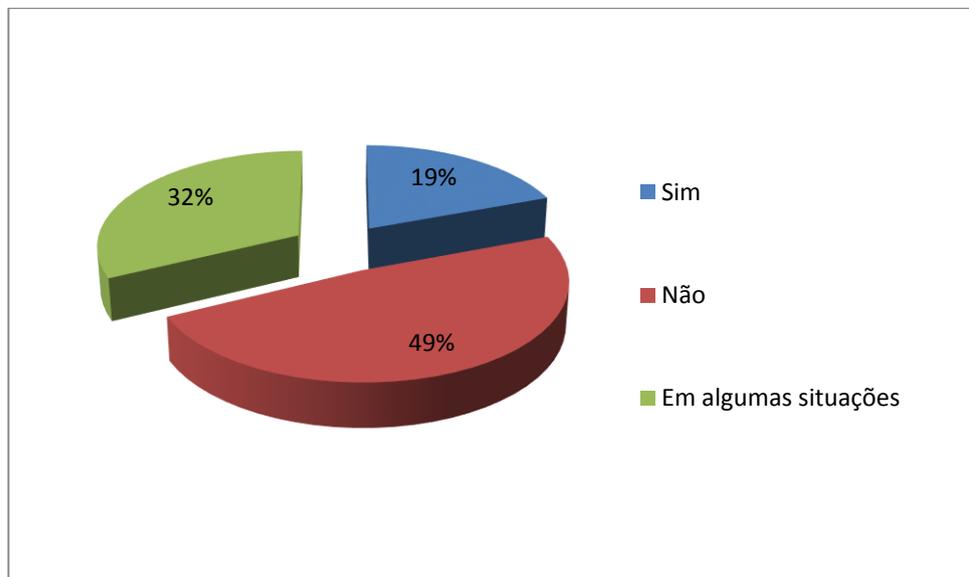
Na visão de 74% dos entrevistados, a presença da família na escola pode influenciar positivamente no desenvolvimento da criança, sendo que 26% afirmaram que pode ajudar às vezes, e nenhum dos responsáveis afirmou que a presença da família auxilia poucas vezes ou nunca. Dessa maneira, percebe-se que os pais entendem a importância de sua presença na escola, para o pleno desenvolvimento escolar do aluno. De acordo com Panza:

Assim sendo, observamos que as escolas e instituições educacionais, por sua vez, também necessitam estar “abertas” a estas novas formações familiares para que a relação escola-família se estabeleça, ou seja, uma boa relação, onde o respeito e o não preconceito estejam sempre presentes, para que os estudantes e futuros cidadãos sejam acompanhados e orientados na sua formação. (PANZA, 2011)

Dentre os 74% de entrevistados, correspondentes a 23 participantes, afirmaram que a participação da família pode auxiliar sempre no desenvolvimento escolar das crianças, 15 são responsáveis por meninas e 8 por meninos.

E entre os 26%, correspondentes a 8 pesquisados, que informaram às vezes estão representados por 4 responsáveis por meninas e 4 por meninos. Tendo em vista que o número de entrevistados responsáveis por meninas é maior no geral, podemos analisar que não existe mais um equilíbrio entre os que responderam “às vezes”, sendo que proporcionalmente, os responsáveis por meninos estão à frente.

**5) Quanto às questões de gênero foram questionados se consideram que existam diferenças na forma de educar meninos e meninas.**

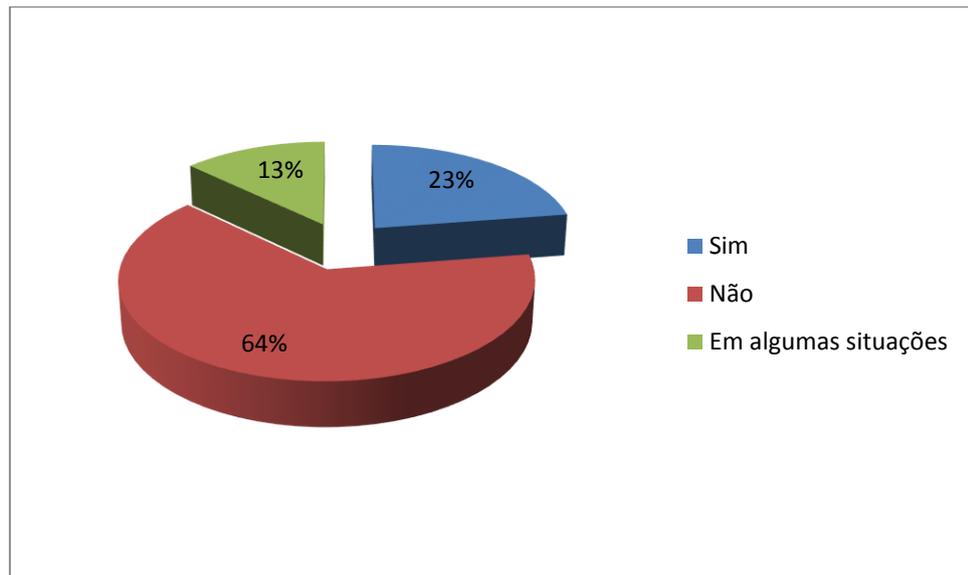


Sobre essa questão, 49% consideram que não existem formas distintas de educar meninos e meninas, 32% afirmaram que existem diferenças em determinadas situações e 19% garantem que existem formas diferentes de educar as meninas e meninos. Percebe-se que a maioria não diferencia meninos e meninas quanto à forma de educar, mas uma parte considerável (19%) acredita que essas diferenças existam.

Dentre os entrevistados que responderam que não existem formas diferentes de educar meninos e meninas encontram-se 10 responsáveis por meninas e 5 por meninos. Os que responderam que sim são compostos por 4 responsáveis por meninas e nenhum por menino, podendo indicar que os cuidadores de meninos utilizem forma de educação voltada para a igualdade entre gêneros. E os pais que responderam “às vezes” são compostos por 5 responsáveis por meninas e 6 por meninos, sendo que esses números sugerem que esses

responsáveis pelos meninos estão refletindo sobre as divisões entre gêneros e que concordam que em determinadas situações as crianças devem ser educadas de forma diferenciada quanto ao gênero.

**6) Quanto ao desenvolvimento escolar, você acredita que há diferenças entre meninos e meninas?**



Neste gráfico podemos perceber que uma enorme parte acredita que não existam diferenças entre gêneros, quanto ao desenvolvimento escolar, 23% acreditam que essas diferenças são reais e 13% afirmaram que podem existir essas diferenças em determinadas situações. Nesse aspecto para Moreira e Candau (2003, p. 161):

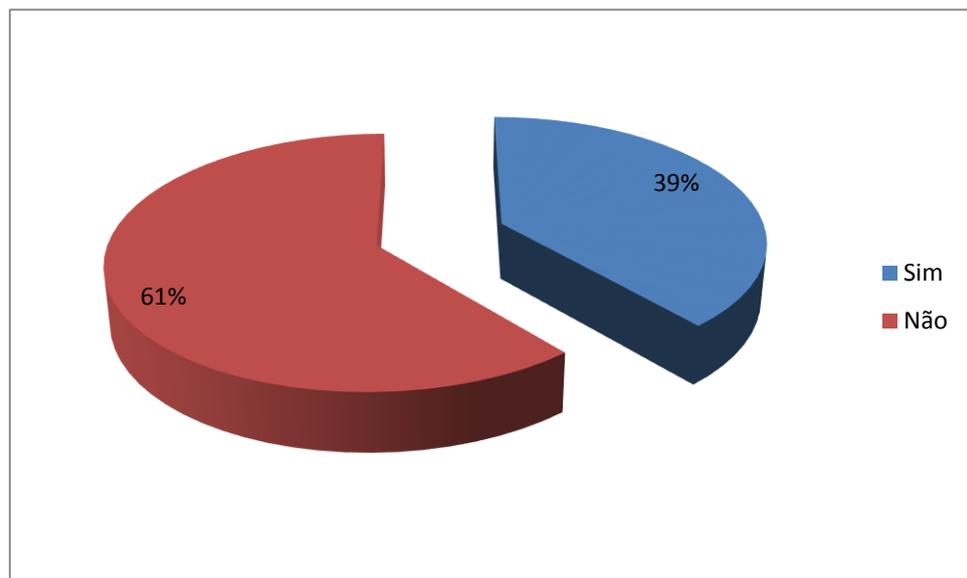
A escola sempre teve dificuldades e lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamado a enfrentar (MOREIRA;CANDAU, 2003, p. 161).

Dentre os 64% dos responsáveis que responderam que não existem diferenças entre meninos e meninas quanto a aprendizagem e desenvolvimento escolar, correspondentes a 20 entrevistados, 14 são responsáveis por meninas e 6 por meninos. Entre os que responderam sim, correspondente aos 23% do total, ou seja, 7 entrevistados, encontram-se 4 pais de meninos e 3 de meninas. Considerando proporcionalmente o número de entrevistados responsáveis por meninos e meninas, percebe-se que nesse grupo os pais de meninos são maioria, por acreditarem que existam diferenças quanto ao crescimento escolar. Isso mostra

que essa parte dos entrevistados acredita que os meninos possam ter algum tipo de dificuldade quanto ao aprendizado, diferentemente das meninas.

Dentre os 13% que acreditam existir alguma forma de desigualdade quanto ao fator aprendizagem, correspondente a 4 entrevistados, encontram-se 3 responsáveis por meninas e 1 por menino.

**7) Você concorda com a seguinte afirmação: “Meninas devem ser ensinadas a cuidar da casa e cozinhar?”**



Neste caso 61% dos entrevistados correspondentes a 20 pais, responderam que não concordam com a afirmação. Correspondem a 5 responsáveis por meninos e 15 por meninas e dentre as principais justificativas encontram-se:

“- Não, porque o que tem para um tem que ter para todos.” (mãe 1)

“- Não, porque todos têm direitos iguais, tanto menina, quanto menino.” (mãe 2)

“- Tem que estudar para se formar, mas tem que aprender o básico que é arrumar a casa e a cozinha.” (mãe 3)

“- Não. Pode cuidar da casa e trabalhar fora sem nenhum problema.” (mãe 4)

“- Não, porque elas também têm que estudar.” (mãe 5)

Dentre os 39%, que concordam com a afirmação, correspondentes a 12 entrevistados, 6 são responsáveis por meninas e 6 por meninos. Dentre a justificativas destacam-se:

“- Sim, pois quando forem morar sozinhas, sabem se virar muito bem.” (mãe 1)

“-Sim, porque tem que ter compromisso.” (Mãe 2)

“- Sim, porque é do costume.” (mãe 3)

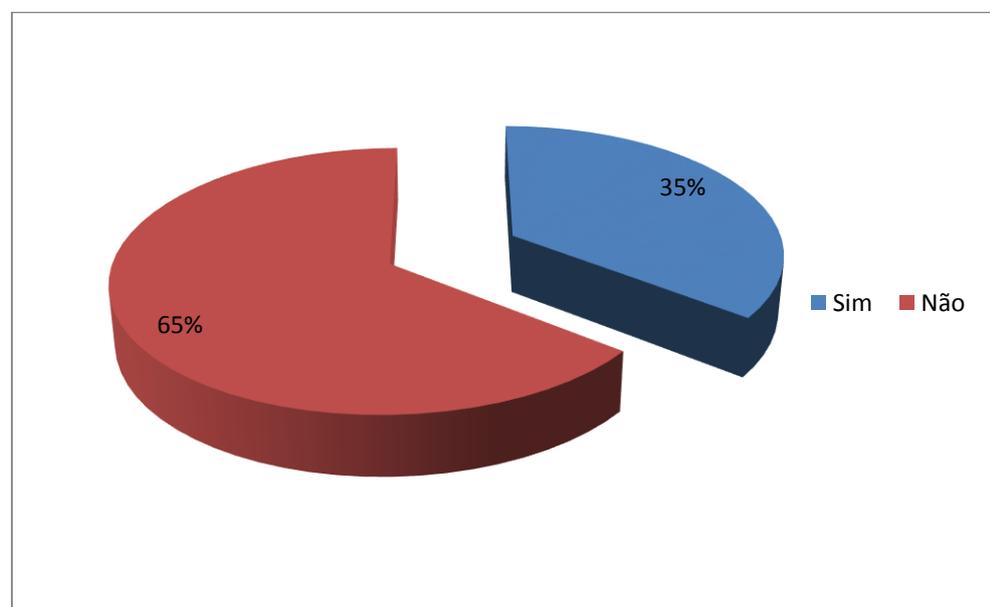
“- Faz parte da educação e eles aprenderem a dar valor e respeitar” (mãe 4)

De acordo com Moraes (2005):

Pensar a inclusão social, a construção de uma sociedade justa, igualitária, com vistas à cidadania de homens e mulheres, passa obrigatoriamente pelo reconhecimento das diferenças, da diversidade e pela rejeição de mecanismos discriminatórios de gênero e raça. (MORAES, 2005 p. 17)

Percebemos que a grande maioria dos entrevistados, indiferentes do gênero, considera que as meninas devem estudar para ter um futuro bom. Mas uma boa parte acredita que é uma obrigação ensiná-las a cozinhar e cuidar da casa, pois faz parte da tradição, sendo que esses em grande maioria (proporcionalmente) são responsáveis por meninos, o que pressupõe que tenham uma visão de que a mulher deve cuidar da casa e dos filhos.

**8) Você acredita que meninos tem mais facilidade para certas tarefas como, dirigir ou realizar serviços mais pesados (agricultura ou obras, por exemplo)?**



Quando perguntados sobre a situação contrária, se concordam que meninos têm mais facilidade com tarefas que exigem força, 65% (correspondentes a 20 entrevistas) responderam que não, são compostos de 16 responsáveis por meninas e 4 por meninos.

Dos 35% que concordam com a afirmativa (correspondem a 11 entrevistas), 7 são responsáveis por meninos e 4 por meninas. Dentre as justificativas dos 65% destacam-se:

“-Somos capazes, independentes do sexo, de sermos bons em tudo que fizermos.”  
(mãe 1)

“- Ambos podem trabalhar em qualquer serviço, é só querer.

“- Eu sendo mulher não faço diferenças quando tenho que trabalhar nas tarefas que normalmente é para homem e trabalho na roça.”

Dentre os 35% destacam-se:

“- Eles têm mais força”

“- Eles têm mais facilidade, mas não quer dizer que meninas não podem fazer ou ser até melhor, basta dedicação.”

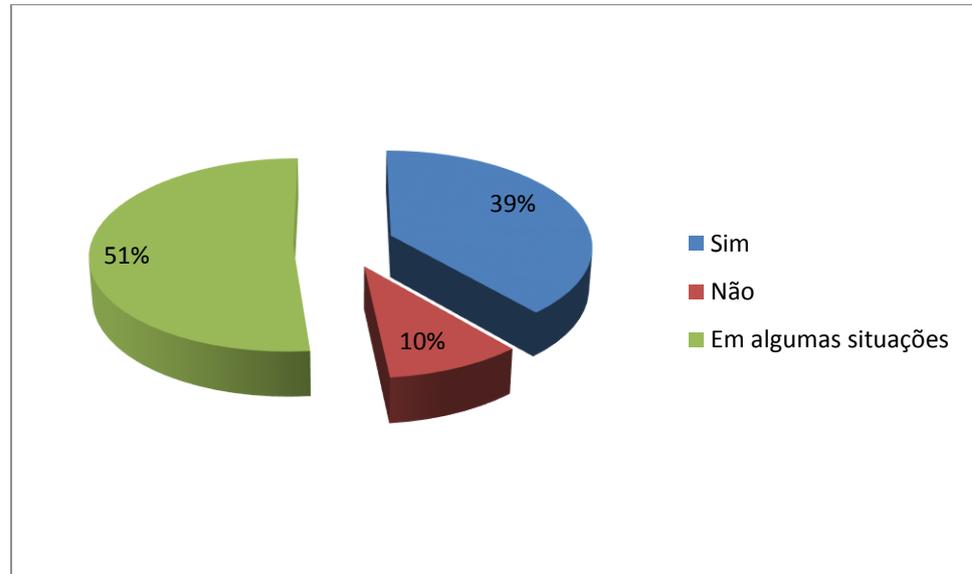
“- Pois eu acredito nos dons que Deus nos deu e nos instintos humanos.”

Segundo Silva Júnior (2003) a escolar deve repensar seus conceitos quanto aos espaços femininos e masculinos, pois é necessário que haja uma desconstrução, afim de quebrar com os paradigmas construídos com o passar do tempo.

Podemos perceber a partir do estudo dessa questão que ainda existem um certo machismo quanto às determinadas funções que a sociedade, ao longo dos anos, impôs nas divisões entre os gênero, como por exemplo, que homens dirigem melhor do que mulheres. Pelo que podemos ver no gráfico, os entrevistados que concordam com a afirmativa são em maior parte os responsáveis por meninos, fazendo com que esse tipo de atitudes discriminatórias se perpetuem na sociedade.

Na visão contrária, dos que não concordam com tal diferença, a maioria é representada por responsáveis por meninas, onde percebe-se que existe uma preocupação por parte dos entrevistados em educar as crianças de forma mais igualitária quanto aos gênero e discordando de situações machistas.

### 9) Quando perguntados se consideram a sociedade atual machista:



A maioria, 51%, considera que a sociedade atual é machista em algumas situações somente, 10% afirmam que não existe machismo no contexto social atual e 39% crêm que o machismo ainda está presente na sociedade.

Sendo assim:

Entre essas diferentes manifestações de preconceito, está o olhar, fato observado com relação às diferenças de gêneros, pois basta que se olhe para pessoas de gêneros diferentes para que a classificação seja realizada, incluindo situações em que esses gêneros não ocupem corretamente os papéis determinados para eles. (GOMES, 2009)

Portanto, nesse gráfico podemos perceber que a maioria dos entrevistados (51%) correspondentes a 10 responsáveis por meninas e 6 por meninos consideram que o machismo existe na sociedade em algumas situações.

Dos que responderam que o machismo não existe (10%), 4 são responsáveis por meninas e nenhum responsável por menino respondeu essa alternativa.

Dos que acreditam que existe machismo na sociedade atual (39%), correspondentes a 12 pesquisados, 7 são responsáveis por meninas e 5 por meninos.

Nessa questão podemos ver que existe um equilíbrio. Nenhum responsável por meninos afirmou que considera que o machismo existe, somente os de meninas. Sendo que a maioria pensa que o machismo acontece em determinadas situações.

**10) Cite alguma situação que você conhece em que aconteçam diferenças entre homens e mulheres.**

Nesta pergunta os responsáveis foram convidados a citar situações em que percebem que existam diferenças de gênero na sociedade. Algumas respostas foram:

“-Hoje em dia está tudo tão igual, que não me recorro atualmente de nenhuma situação. A mulher e o homem hoje em dia estão praticamente na mesma posição.”

“-Nos salários, ouço homens dizer que mulher não deve ter o mesmo direito, que não tem capacidade de exercer tal função.”

“-Mulheres recebem menos que os homens, elas trabalham fora e em casa, e alguns homens não.”

“-Lugar de mulher é na cozinha e homem é em serviço pesado.”

“- Os homens são mais valorizados no futebol.”

“- Ainda em alguma situação tem vários homens que acham que a mulher nasceu para ter filhos e cuidar da casa.”

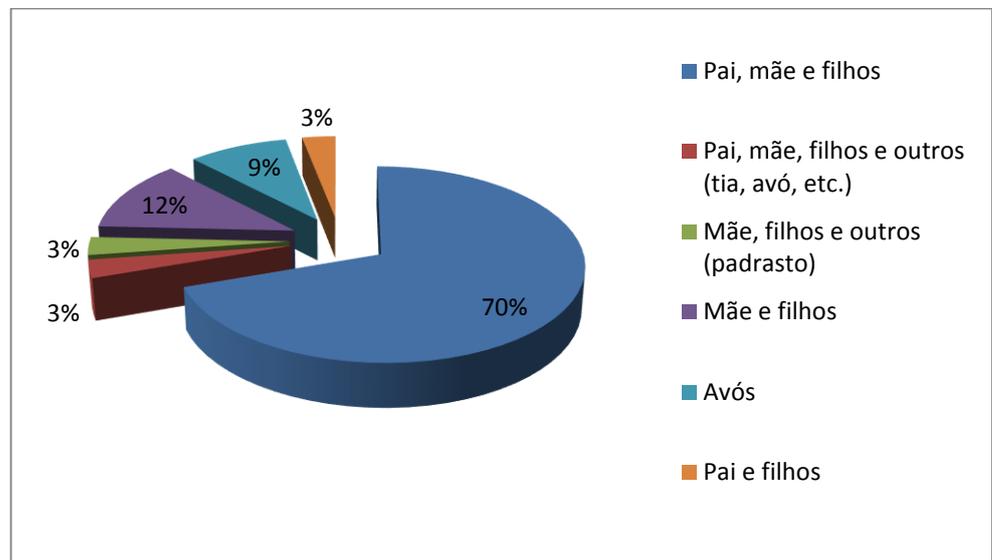
Como podemos perceber os pais ainda tem ciência que há várias diferenças entre homens e mulheres na sociedade, principalmente na questão de valorização salarial, porém a maioria acredita que essa discriminação e baixa valorização da mulher não deveriam existir, e muitos pensam que a sociedade está avançando positivamente nesse sentido. Nesse aspecto:

É necessário se desconstruir a dicotomia ou polaridade entre os gêneros através da problematização da oposição e unidade interna de cada um, o que implicaria em perceber que cada pólo (masculino e feminino) contém o outro, sendo que cada um é fragmentado e dividido pois existem diferentes formas de ser mulher e de ser homem. Essa desconstrução permite que a construção do gênero se modifique com a época histórica e com a sociedade e que diferentes formas de masculinidade e feminilidade sejam incluídas e compreendidas. (GOMES, 2009).

Considerando que o ambiente explorado seja um município cuja base da economia esteja voltada basicamente para a agricultura, é comum antigas culturas ainda perpetuarem, principalmente no que diz respeito ao homem em relação à mulher na divisão das tarefas diárias. É comum no contexto das famílias pesquisadas o homem e a mulher trabalharem juntos na lavoura, sendo que a mulher ainda é responsável pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Quanto às crianças, é considerado normal pelos pais que os meninos contribuam com as atividades diárias que exijam resistência física, enquanto as meninas juntamente com a mãe colaboram com os afazeres do lar. De certa forma, essas atitudes contribuem para a formação de personalidade que direciona para a existência de diferenças entre gêneros.

## Questionário aplicado com os alunos.

### 1) Quando perguntados sobre sua formação familiar:



A primeira pergunta procurou saber com quem as crianças moram, com finalidade de iniciar o conhecimento sobre sua formação familiar. Como se pode perceber pelo gráfico, 70% das crianças tem formação familiar composta por pai, mãe e filhos, 12% moram somente com a mãe e irmãos, 9% moram com avós, e responderam pai, mãe, filhos e outros 3%, assim como mãe, filhos e outros e pai e filhos correspondente a 3% cada.

Durante a entrevista alguns alunos tiveram dúvidas ao colocar com quem moram. Seguem alguns relatos de alunas:

“– Professora, com quem eu moro? Porque um dia fico com meu pai no outro com minha mãe.”

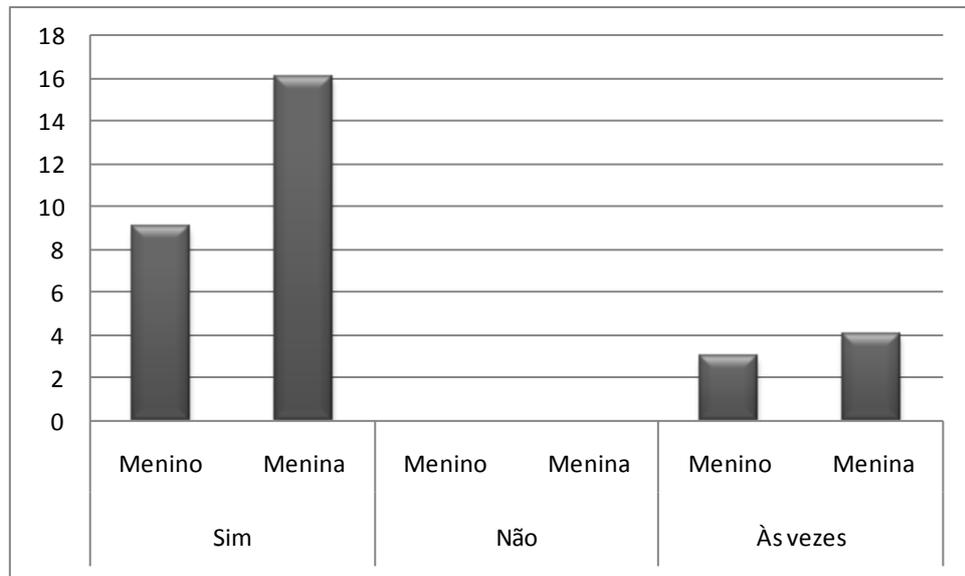
“– Eu moro com a minha vó, meu pai mora no mesmo pátio e ele me *colocou* para morar com ela.”

Sobre as novas formações familiares Henri e Lauwe afirmam que:

Industrialização e o desenvolvimento da vida urbana, nos séculos XIX e XX, modificaram ao mesmo tempo a economia, os grupos locais e os sistemas de parentesco. Em consequência, a família conjugal mudou simultaneamente de posição na sociedade e de estrutura interna. Ao mesmo tempo, novas ideologias modificaram os modelos antigos, aos quais se reportam os membros da família.

A partir desses relatos percebemos que algumas crianças possuem as mais variadas formações familiares, sendo que a considerada “normal” pela sociedade está bem à frente.

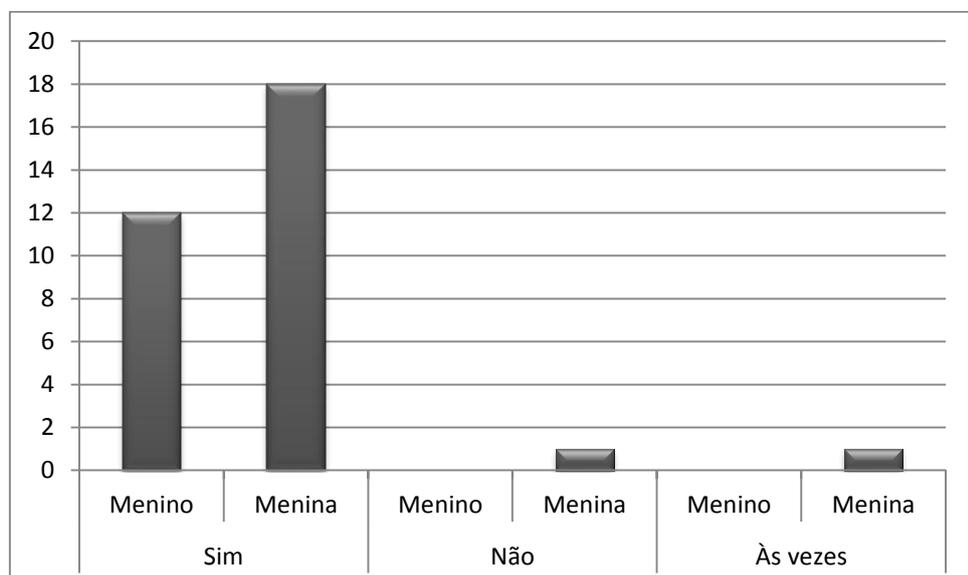
## 2) Sobre a satisfação com o aprendizado escolar:



Essa pergunta tem como objetivo saber sobre a satisfação escolar da criança, comparando as respostas de meninos e meninas. De acordo com o gráfico as crianças que se sentem satisfeitas com seu aprendizado são compostas de 16 meninas e 9 meninos, 4 meninas afirmaram que sentem-se satisfeitas somente às vezes, enquanto que 3 meninos confirmaram essa resposta. Nenhum aluno respondeu que não está satisfeito com o aprendizado escolar. Sendo assim:

A escola tem o papel de desenvolver não apenas as competências e habilidades cognitivas, mas também as competências e as habilidades para conviver em sociedade. A escola faz parte do processo de formação da identidade do educando, além de ser fundamental para o desenvolvimento da capacidade crítica e da autonomia, sendo a família indispensável nessa formação. (GOMES)

## 3) Você se sente totalmente incluído e feliz na escola?

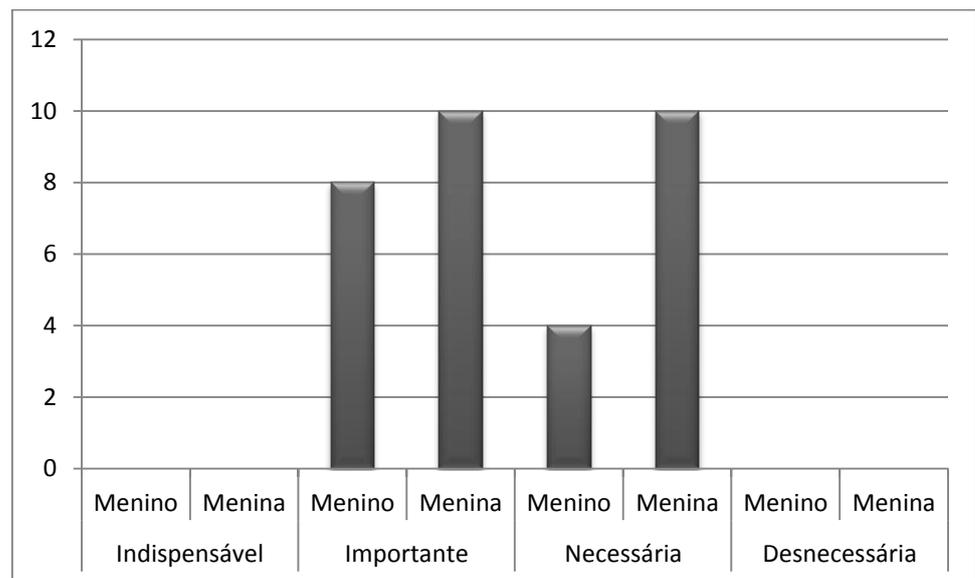


Quando perguntados se sentem-se incluídos e felizes na escola, as respostas foram quase unânimes positivamente. Afirmaram que sim 18 meninas e 12 meninos, uma menina afirmou que não e uma menina sente-se feliz na escola somente em algumas situações. Como são alunos com faixa etária entre 11 e 13 anos, são muito ativos e gostam de conversar e brincar, muitos estudam desde sempre juntos, o que faz com que o vínculo de amizade seja ainda maior. Weil (1960, 9. 33) afirma que:

“Para que se construa um bom alicerce que estruture o indivíduo é preciso que a família procure: “Dar carinho quando necessário, louvar o esforço e recompensar a criança quando agiu certo é atitude de muitos pais que conseguem, com isso, que os seus filhos cresçam num ambiente feito de compreensão, de calma, de respeito humano”.

A menina que afirmou que não se sente feliz na escola entrou na turma esse ano, não era da cidade, e teve alguns problemas no início do ano letivo quanto à recepção dos colegas, mas percebo que agora já está com mais facilidade de interagir e os colegas são mais compreensivos e a chamam mais para atividades e conversas.

#### 4) Como você avalia a participação da família na escola?

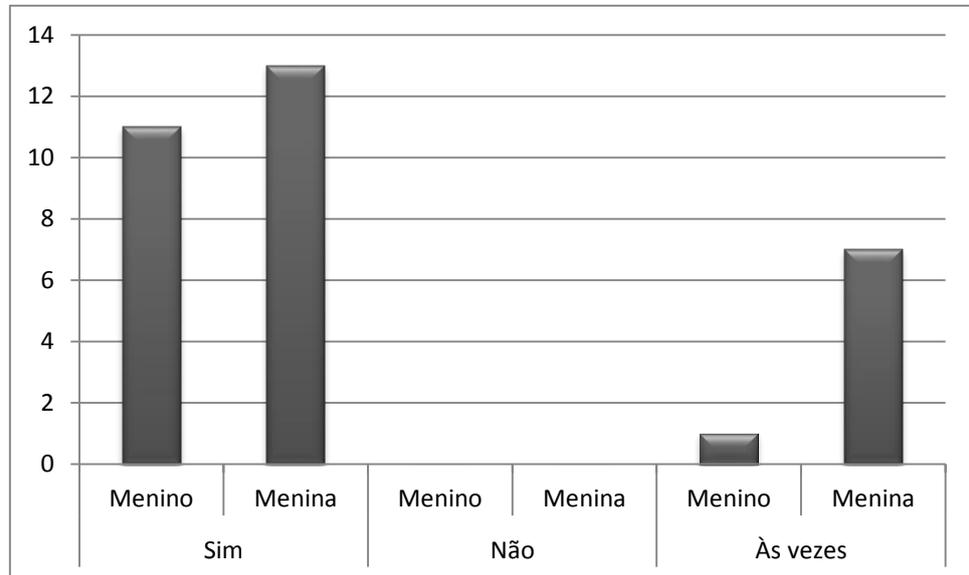


Para Weil “Muitas vezes, a culpa da baixa de rendimento escolar está nos pais e não na escola”. (WEIL, 1960, p. 49).

A quarta pergunta tinha como objetivo saber como os meninos e meninas avaliam a participação da família na escola. Nenhum aluno respondeu indispensável, 10 meninas e 8 meninos afirmaram que a participação da família é importante, 10 meninas e 4 meninos

avaliaram como necessária e nenhum aluno respondeu desnecessária. A participação da família no cotidiano escolar da criança faz com que ela se sinta valorizada.

**5) Quando perguntados se as suas famílias participam do seu desenvolvimento escolar:**

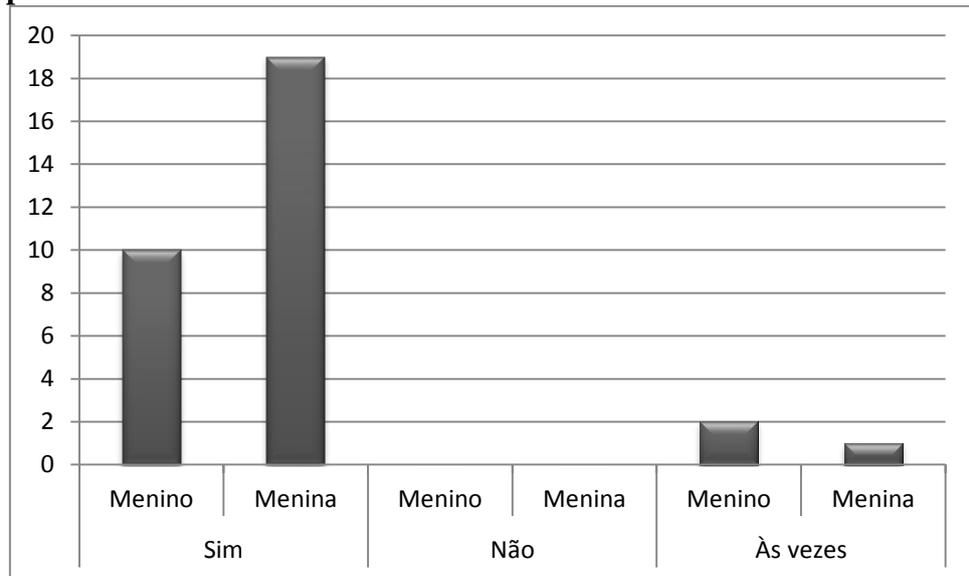


Esta pergunta tinha como objetivo identificar o nível de participação da família na escola, visto por meninos e meninas. Percebemos com o gráfico que 13 meninas e 11 meninos afirmaram que suas famílias participam do seu cotidiano escolar. Responderam às vezes 7 meninas e 1 menino, e nenhum entrevistado respondeu que sua família não participa na escola. Nessa linha de pensamento Reis afirma que:

Família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, são marcos de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do sujeito. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares e é importante que pais, professores, filhos/alunos compartilhem experiências, entendam e trabalhem as questões envolvidas no seu cotidiano sem cair no julgamento —culpado x inocente, porém buscando compreender as nuances de cada situação. (REIS, 2010)

Considerando o gráfico é possível notar que existe uma proporcionalidade maior de participação dos pais de meninos na escola, pois 8% do total dos meninos entrevistados responderam às vezes, enquanto que 35% das meninas pesquisadas tiveram a mesma resposta. Isso pressupõe que os pais estão tendo de se preocupar mais com a vida escolar dos meninos em relação às meninas.

**6) O aprendizado na escola contribui na sua vida?**

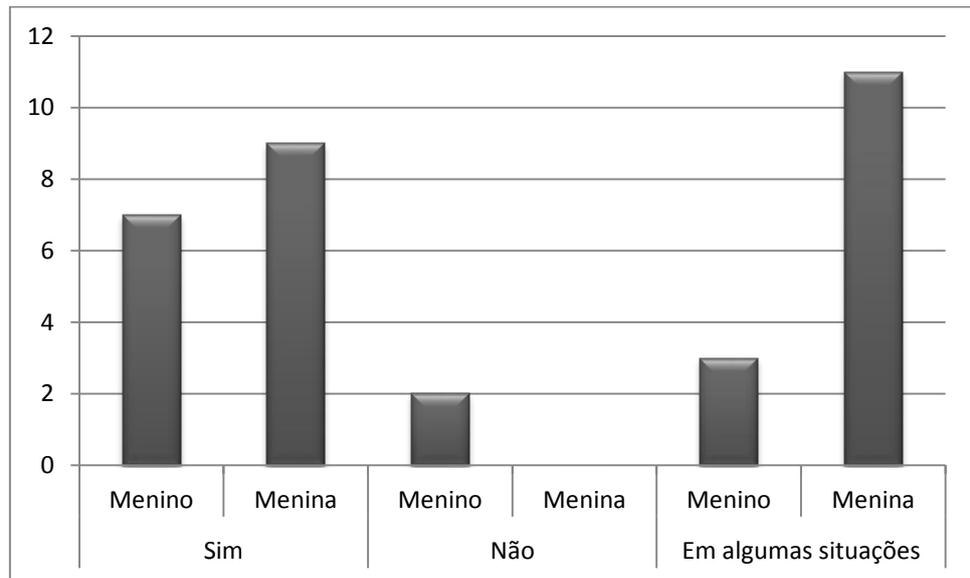


Nessa pergunta as crianças responderam se elas acreditam que o ensinamento da escola ajuda na vida fora dela. Nenhum aluno respondeu que não contribui em nada. Responderam que sim, 19 meninas e 10 meninos, e afirmaram que o ensinamento escolar contribui às vezes 1 menina e 2 meninos. Gomes acredita que:

*A educação é necessária a todos, e se efetiva em nossa vida desde o nascimento até a morte. É para a sobrevivência do ser humano, para o desabrochar da, na e para a sociedade, é para melhorar a sobrevivência humana, e o educador deve saber o quanto é responsável por esta educação. (GOMES)*

Pela análise do gráfico é possível perceber que as meninas consideram o aprendizado escolar mais relevante do que é considerado pelos meninos, através dos dados coletados vê-se que 95% das meninas entrevistadas acreditam que o aprendizado escolar lhe renderá frutos futuros, enquanto que 84% dos meninos entrevistados compartilham da mesma opinião.

### 7) Você considera que a escola e a sociedade diferenciam meninos e meninas?



Quando perguntados se consideram que a escola diferencia meninos e meninas, percebemos um equilíbrio, responderam que sim 9 meninas e 7 meninos e em algumas situações afirmaram 13 meninas e 5 meninos, e afirmaram que a escola não diferencia meninos e meninas 2 meninos. Como considera LOURO (1997 p.89) “O que fica evidentemente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculinos e femininos.”

A partir dos resultados obtidos nessa questão é notório que devido ao ambiente ao qual as crianças estão inseridas as fazem sentirem diferenciação de tratamento entre gêneros, como é facilmente percebível na ilustração gráfica acima, onde apenas uma pequena parcela dos meninos consideraram não haver tais diferenças.

### 8) Em sua opinião, qual é o papel do homem e da mulher na família?

Nessa pergunta os alunos tiveram a liberdade de aprofundar mais suas opiniões e as respostas obtidas manifestaram-se equilibradas sobre alguns pensamentos. 1) as mulheres devem cuidar da casa e dos filhos e os homens trabalharem fora, 2) ambos devem trabalhar fora e 3) homem e mulher devem trabalhar fora, mas a mulher deve também cuidar da casa, cozinha e dos filhos.

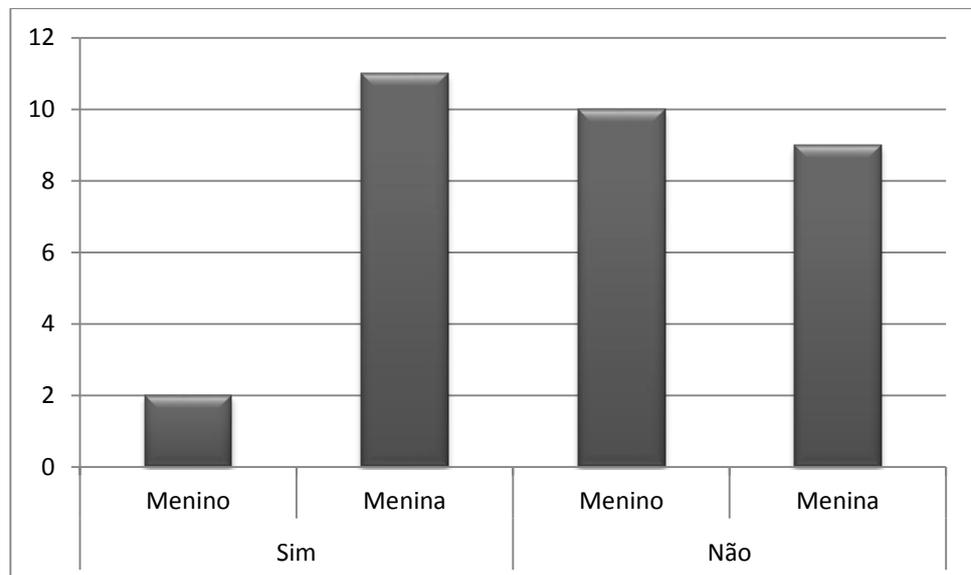
Assim sendo:

Essas diferenças determinam as funções de cada gênero, sendo que essa assimetria se mantém em nossa sociedade, estando presente também na escola, onde pode ocorrer a veiculação de estereótipos e interferência nos preconceitos sobre gêneros,

já que as reproduções das estruturas de relação entre os gêneros podem aparecer em livros didáticos ou nas relações dentro do ambiente escolar. (GOMES, 2009)

Sendo que as diferenças de gênero estão presentes na sociedade, as crianças entrevistadas as percebem em seu cotidiano, em sua família. Mais uma vez, o contexto social em que as crianças estão inseridas revela as opiniões sobre essas diferenças, através de seus depoimentos.

### 9) Existem profissões diferentes para homens e mulheres?



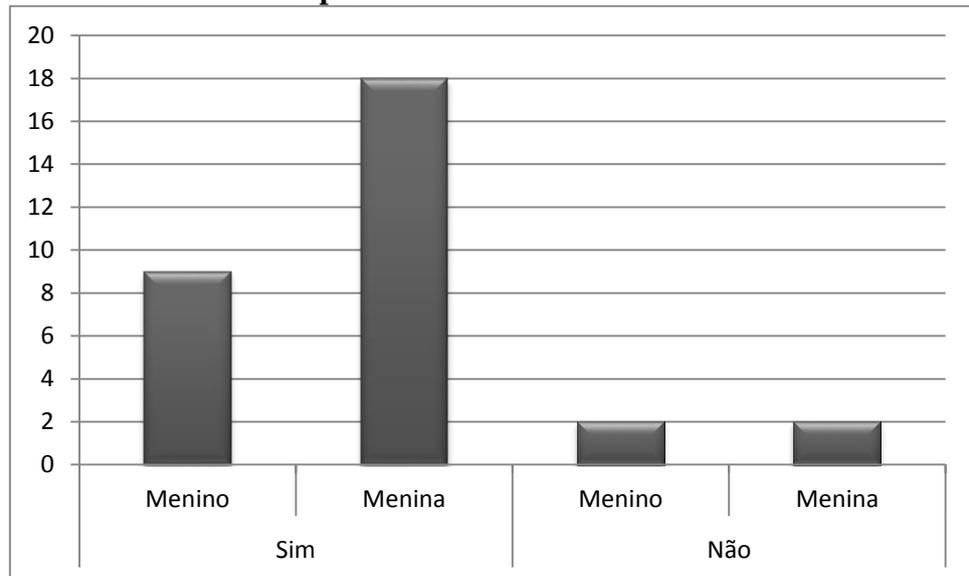
Nessa questão os alunos responderam sobre as diferenças entre gêneros nas profissões. Percebe-se que 11 meninas e 2 meninos responderam que existem essas diferenças e 10 meninos e 9 meninas afirmaram que não diferenciam as profissões. Nota-se que, dos 13 que responderam sim, 11 são meninas e desde novas já notam as diferenças existentes entre gêneros. Já nos que responderam que diferenças não existem a maioria é composta por meninos. Dentre os exemplos de profissões diferenciadas pelos gêneros estão: manicure e faxineira para mulheres e para homens colocaram como exemplos obras e agricultura.

Sendo assim:

Os preconceitos que temos podem ser percebidos como comportamentos da sociedade. Porém essas concepções da sociedade não são fixas, já que os valores e ideias são reformulados, tanto dentro da sociedade ao longo do tempo quanto em um indivíduo ao longo da vida. (GOMES, 2009)

Neste questionamento percebe-se que as respostas das meninas mantêm um equilíbrio entre o sim e o não, diferentemente das respostas dos meninos que em sua grande maioria não concordam com a existência de profissões diferenciadas para homens e mulheres.

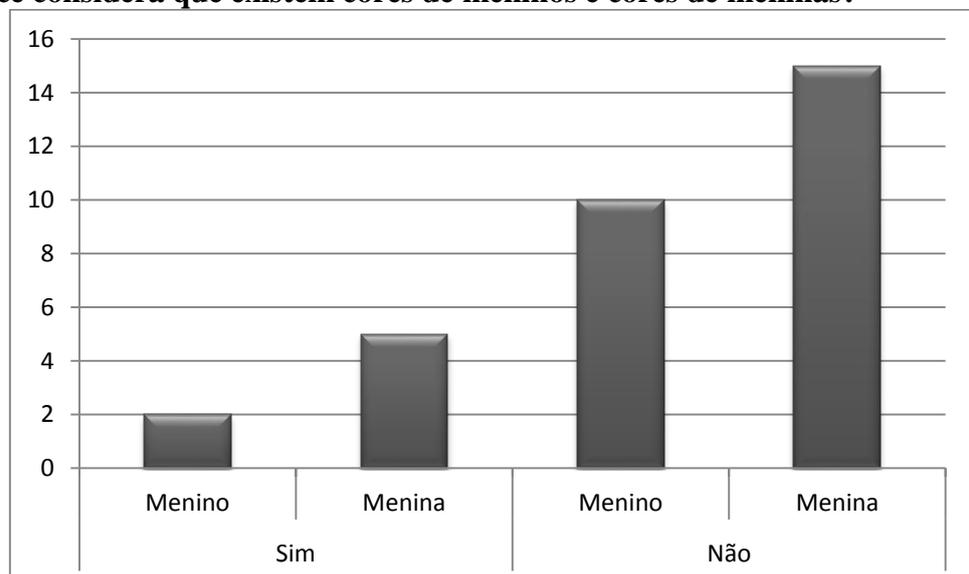
### 10) Meninos e meninas se comportam de maneiras diferentes?



Quanto ao comportamento de meninos e meninas não teve qualquer equilíbrio. A maioria afirmou que sim, sendo 18 meninas e 9 meninos, e, afirmaram que não se comportam de maneiras distintas 2 meninos e 2 meninas. Nessa linha de pensamento Gomes (2009) acredita que "As meninas tendem a agir de forma mais discreta, através de conversas, enquanto os meninos tendem a se mover mais, falar mais alto e enfrentar mais, destacando-se quanto à indisciplina".

Nesse contexto os alunos acreditam que existem diferenças nas formas de andar, conversar, dançar, brincar e estudar. Sendo que no momento da realização da entrevista vários alunos afirmaram que meninos sentam de pernas abertas e meninas são mais discretas para sentar, para caminhar e para as práticas esportivas.

### 11) Você considera que existem cores de meninos e cores de meninas?



Perguntados sobre as cores, se concordam que existam cores diferentes para meninos e meninas a maioria respondeu que não concordam, 15 meninas e 10 meninos, sendo que 2 meninos e 5 meninas concordam com tais distinções. Nessa linha de pensamento Gomes acredita que:

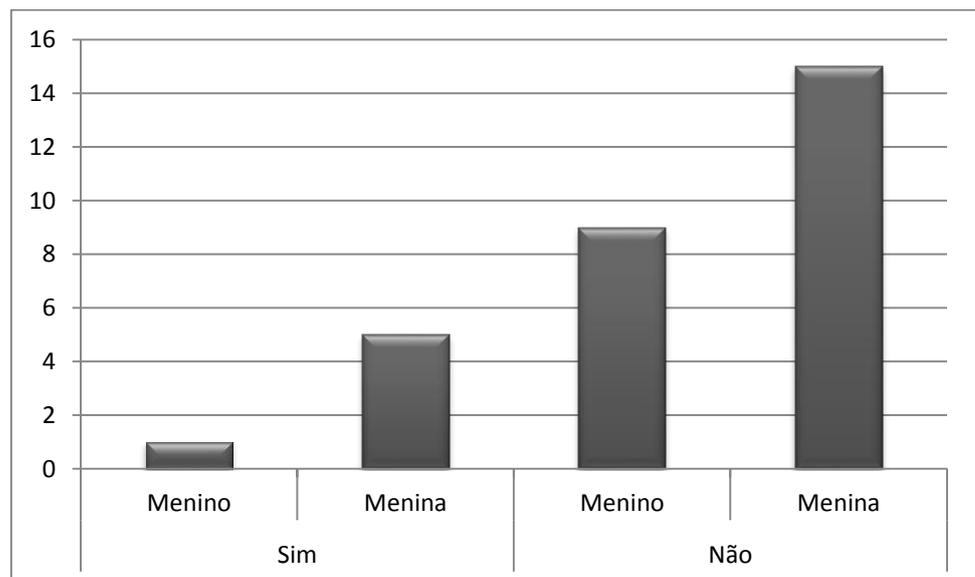
As características dos indivíduos não se relacionam apenas com o sexo, mas também com fatores sócio-culturais, familiares, escolares e econômicos entre outros. Sendo assim, entendemos que a sociedade estabelece rótulos aos indivíduos de acordo com sua classe, etnia e sexo, gerando assim comportamentos estereotipados. Dessa forma, as práticas masculinizantes e feminilizantes são um paradigma sócio-cultural estabelecido para meninos e meninas historicamente. (GOMES, 2009)

Nesse ponto, pode-se observar uma visão um tanto machista de uma pequena parcela das meninas, enquanto que a maioria dos meninos e meninas consideram natural a livre opção de cores.

### 12) Quais esportes são para meninas (mulheres) e quais são para meninos (homens)?

Nessa questão, dentre os 32 alunos que responderam ao questionário, apenas dois meninos afirmaram que existem divisões entre gêneros no esporte. Responderam que vôlei deve ser praticado por mulher e futebol por homem. Esse pensamento dos alunos pode ser explicado a partir do conceito de Auad (2006) que afirma que meninos têm uma tendência a utilizar espaços maiores, como as quadras, sendo que as meninas são menos ativas e mais discretas em movimentos e comportamentos.

### 13) Você concorda com essas diferenças?



Após responderem sobre algumas das diferenças existentes entre homens e mulheres na escola e na sociedade em geral, os alunos expuseram as opiniões pessoais sobre o

tema. Dos que não concordam com essas diferenças estão 15 meninas e 9 meninos e os que concordam são compostos por 5 meninas e 1 menino.

Dos que afirmaram que não concordam, as justificativas baseiam-se no pressuposto de que cada um pode fazer o que gosta independente do sexo, e assim buscam uma sociedade mais justa e igualitária.

E entre os que concordam com tais diferenças encontram-se alguns exemplos como, sendo que essas duas respostas foram dadas por meninas.

“- Menino é menino e menina é menina, mas não tenho preconceito”.

“- Por que se não fosse assim as meninas não iriam se comportar.”

Louro (1997) afirma que:

O processo de “fabricação” dos sujeitos é contínuo e geralmente sutil, mas é necessário se voltar para as práticas cotidianas para perceber esse processo, sendo essa tarefa de desconfiar do “natural” um questionamento necessário, pois é natural a separação de meninos e meninas para trabalhar, nas filas, na escolha dos brinquedos, no desempenho nas disciplinas que revelam diferentes interesses e aptidões de cada gênero e que quando os papéis se invertam exista uma preocupação, pois há um “desvio” de comportamento.

Percebe-se ainda que uma pequena parcela dos entrevistados mantém pensamento machista, sendo, dentre estes a maioria de meninas.

## 4 CONCLUSÃO

A pesquisa foi realizada na Escola de Educação Básica Maria Solange Lopes de Borba, localizada no município de São João do Sul, extremo sul catarinense. Os estudos desempenhados tiveram o propósito de aprofundar os conhecimentos sobre o tema relacionado à importância da presença da família no desenvolvimento escolar da criança, e sobre as diferenças de gênero no ambiente escolar e na educação da criança.

O público-alvo da pesquisa foram duas turmas de sexto (6º) ano do ensino fundamental, com faixa etária de 11 a 13 anos e, pelo fato de a escola estar localizada em região de interior, praticamente todos os alunos utilizam do transporte escolar como acesso à escola. A maioria são filhos de agricultores e muitos contribuem nos afazeres domésticos e da agricultura também.

Essa pesquisa revelou que na instituição de ensino utilizada como base, família e escola são elementos imprescindíveis de socialização, ficando claramente evidenciado que os responsáveis pelas crianças consideram importante sua participação no contexto escolar para que haja o pleno desenvolvimento dos mesmos. Dessa forma, os pais disponibilizam tempo para se fazerem presentes periodicamente na escola para conversas com professores, trocas de opiniões, angústias e dificuldades, participam das reuniões de pais e acompanham as atividades de casa. Assim, pode-se perceber que os pais acreditam que o fato de participar da vida escolar das crianças pode gerar benefícios para o desenvolvimento da mesma.

Da mesma forma que os pais avaliam importante participarem do cotidiano escolar, os alunos também vejam essa necessidade, afirmam que sentem-se felizes e incluídos na escola, acreditam que o aprendizado que tem na escola auxilia na vida fora dela e isso pode estar relacionado com o fato de que a maioria afirma que seus responsáveis participam do seu desenvolvimento escolar.

Durante a realização dessa pesquisa, várias questões foram tomando força durante a discussão de diferenças de gênero com as crianças, relacionadas a emprego, diferença salarial e comportamental. Nesse sentido podemos afirmar que as diferenças de gênero ocorrem e que homens e mulheres ainda assumem papéis distintos na sociedade e transmitindo-os para as próximas gerações.

A escola é parte importante da sociedade e as diferenças de gênero também estão presentes no cotidiano escolar, através das brincadeiras, na forma de formação de amizades entre meninos e meninas e em situações como atividades e aprendizado.

Essa pesquisa revelou que as crianças não consideram que existem, ou pelo menos que não deveriam existir, diferenças entre homens e mulheres no esporte, pois afirmam que a baixa valorização da mulher é injusta e que cada pessoa tem o direito de praticar os esportes que preferirem, desde que sintam-se à vontade e felizes. Outro fato que as crianças entrevistadas não concordam é com as discriminações quanto às cores de roupas, por exemplo, o rosa para menina e o azul para menino, assim como nas brincadeiras, onde se relaciona as meninas às bonecas ou culinária e os meninos aos carros e lutas.

Quanto ao comportamento as crianças acreditam que existem várias diferenças entre meninos e meninas, os exemplos citados foram a forma de sentar, correr e brincar, onde afirmaram que as meninas são mais delicadas e os meninos mais ásperos quanto às atitudes. Grande maioria não concorda com qualquer tipo de diferença entre homens e mulheres, pois alegam que a sociedade já mudou bastante e que é necessário existir mais justiça e igualdade entre os gêneros.

Portanto, é necessário trabalhar as questões de gênero no ambiente escolar e isso sugere várias construções e desconstruções de pensamentos e concepções já estabelecidos social e culturalmente. Para que esses diálogos possam existir é necessário que os profissionais da educação tenham embasamento para argumentação frente as mais variadas perguntas, e conseqüentemente, é necessário que haja capacitação profissional para esses professores, possibilitando assim reflexões eficazes e capazes de transformar pensamentos preconceituosos sobre vários temas como, racismo, diferenças de gênero, sexualidade, homofobia e violências em geral.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Diego Leite de. **Diferenças entre homens e mulheres no esporte**: Em algumas provas as regras são diferentes. 2012. Disponível em: <<http://www.webrun.com.br/h/noticias/diferencas-entre-homens-e-mulheres-no-esporte/13581>>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- BLUME, Bruno. **TUDO SOBRE A LEI MARIA DA PENHA**. 2015. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/tudo-sobre-a-lei-maria-da-penha/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- BRASIL. Jeanete Beauchamp. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica (Org.). **INDAGAÇÕES SOBRE CURRÍCULO: Diversidade e Currículo**. Brasília: Brasil, 2007. 48 p.
- Constituição da República Federativa do Brasil : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.
- DEGRAFF, Deborah S.; ANKER, Richard. **GÊNERO, MERCADOS DE TRABALHO E O TRABALHO DAS MULHERES**. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/Demographicas2/demographicas2artigo4\\_163a197.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/Demographicas2/demographicas2artigo4_163a197.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli; MAGRINI, Pedro Rosas. **ESPECIALIZAÇÃO EAD EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: LIVRO IV - MÓDULO IV**. Tubarão - Sc: Gráfica Copiart Editora, 2015. 139 p.
- GROSSI, Miriam Pillar et al. **ESPECIALIZAÇÃO EAD EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: LIVRO I - MÓDULO I**. Florianópolis: Gráfica Copiart Editora, 2015. 141 p.
- GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli; MAGRINI, Pedro Rosas (Ed.). **ESPECIALIZAÇÃO EAD EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: LIVRO II - MÓDULO II**. Tubarão - Sc: Gráfica Copiart Editora, 2015. 139 p.
- GOMES, Fernanda Gonçalves. **As Relações Sociais de Gênero: Uma Análise das Concepções de Meninas e Meninos do Ensino Fundamental II**. 2009. 127 f. TCC (Graduação) - Curso de O Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas., Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Presbiteriana Mackenzie Centro de Ciências BiolÓgicas e da SaÚde Curso de CiÊncias BiolÓgicas, São Paulo, 2009. Cap. 6
- HEIDRICH, Gustavo. **O direito de aprender**. Revista Nova Escola/ Guia do Ensino Fundamental de 9 anos. n.225, Abril. São Paulo: 2009, p.14
- ILVA, Arlene da Graça; ARAÚJO, Tonilson Barros de. **RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA**. 2014. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro Educacional Eliã - Ceel, TomÉ-aÇu-parÁ, 2014. Cap. 6.

KNOBEL, M. **Orientação Familiar**. Campinas: Papyrus Editora, 1996.

LAGO, Mara Coelho et al (Ed.). **ESPECIALIZAÇÃO EAD EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: LIVRO III - MÓDULO III**. Tubarão - Sc: Gráfica Copiart Editora, 2015. 149 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, Para quê**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LÔBO, P. **Direito Civil: família**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 2

MAZZONETTO, Aline. **OS EFEITOS DAS DIFERENÇAS DE GÊNERO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ESCOLARES NOS ANOS INICIAIS**. 2012. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Educação Física, Dhe – Departamento de Humanidades e Educação, Unijuí – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí (rs), 2012. Cap. 8.

MONTEIRO. M. T. A. **Educação Inclusiva: Um olhar sobre o professor**. Dissertação apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Programa de Pós – Graduação: Conhecimento e Educação Social. Belo Horizonte – MG, 2003.

MORAES, E. L.; **Relação Gênero e Raça na Política Pública de Qualificação Social e Profissional**. – Construindo Identidades Sociais. V. 1; Brasília: MTE. SPPE. DEQ. 2005.

OLIVEIRA, Gláucia Fontes de. **Violência de gênero e a lei Maria da Penha**. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 06 out. 2010. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.29209>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

OLIVEIRA, Nayara. Hakime Dutra. **Recomeçar: família, filhos e desafios [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p. ISBN 978-85-7983-036-5. Available from SciELO Books Acesso em: 11/11/2016

PANZA, Bruna Andriotti. **A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO ÂMBITO ESCOLAR**. 2011. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Campanha Nacional de Escolas da Comunidade Cenequista de Capivari, Capivari - Sp, 2011. Cap. 4.

RIBEIRO Mônica D. **GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: SUA RELEVÂNCIA COMO CONTEÚDO ESTRUTURANTE NO ENSINO MÉDIO**. 2012. Disponível em < <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/MONICA%20-%20ORIENT%20%20ANGELA.pdf>> Acesso em 07/07/2016

PIRES, K.M. **Os seus, os meus, os nossos**. IN: A&E Atividades e Experiências – Especial Família, ano 10, p. 12-15, no 09, setembro, 2009.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

REIS, Liliani Pereira Costa. **A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR**. 2010. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010. Cap. 8.

- SAMPAIO, Talita Leite. **A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA FORMAÇÃO DO ALUNO**. 2012. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade Cearense, Fortaleza - Ce, 2012. Cap. 6.
- SANTOS, Aparecida Luzia da Cunha. **A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA**. Disponível em: <  
*coordenacaoescola*gestores.mec.gov.br/uft/file.php/1/moddata/data/.../TCC\_.pdf> Acesso em 19 de novembro de 2016.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e sociedade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, Jul./Dez 1990.
- SOUZA, Maria Ester do Prado. **FAMÍLIA/ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO NO DESEMPENHO ESCOLAR**. 2009. 25 f. TCC (Graduação) - Curso de Programa de Desenvolvimento Educacional – Paraná, Programa de Desenvolvimento Educacional Pde, Santo Antônio da Platina, 2009.
- WEBER, Lúcia. **Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites**. Curitiba: Juruá, 2007.
- VELOSO, Daniele Gino. **AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA**. 2014. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.